Atualidade insistente

Vera Beatriz Siqueira

Entre os pensamentos sobre arte, recolhidos de artistas, teóricos e filósofos, e copiados à mão por Ivan Serpa, está a máxima do Conde de Buffon: *Le style est l'homme même.* No confronto com a sua obra, a citação poderia parecer estranha. Pois, como anotaram inúmeros críticos, não há um estilo Serpa, nem um estilo ao qual adere inequivocamente. A frase do aristocrata francês soa qual uma charada. Afinal, como inferir um estilo de obra tão variada, capaz de passar, sem grandes hesitações ou assombramentos, do rigor concretista para a gestualidade tachista, desta para a figuração quase pop, daí para figuras expressivas, e retornar para a abstração de raiz geométrica?

O laconismo intrínseco ao epigrama de Buffon[1], empenhado em retirar a "maneira" da esfera do ornamento e fazê-la coincidir com a própria existência do homem, ressoa no enigma da personalidade artística de Ivan Serpa. Para Buffon, o estilo não apenas manifesta o passado pessoal ou as formas culturais de pensar e agir; é uma espécie de sinal infalível e, quase sempre, involuntário que, ao ser deslindado, desnuda o homem. Não como uma identidade exterior e independente, e sim como fragmento da própria obra ou do próprio gesto, que o identifica e ultrapassa. Pois o homem não possui um estilo, ele é o estilo.

Ivan Serpa parece reconhecer o sentido de transcendência do estilo quando discorre sobre uma exposição das colagens de Matisse, que vê na Europa em fins da década de 1950: "causa entusiasmo ver um artista velho e doente ultrapassar-se a si mesmo no fim da vida. Acredito que essas colagens de grande tamanho (...) são as melhores obras de Matisse. Velhinho danado aquele".[2] O arrebatamento do artista brasileiro, nascido com a marca de uma cardiopatia congênita, que leva os médicos de então a limitar drasticamente sua expectativa de vida, era antes de tudo com a habilidade do mestre francês de subtrair a si mesmo, de se dissolver nas demandas da vida e da obra, de continuamente se auto-sacrificar e extinguir a própria personalidade. O empenho de Serpa também será – de

[1] Assim se refere Peter Gay à célebre frase de Buffon, na Introdução de seu livro **O estilo na história** (São Paulo: Companhia das Letras, 1990).

[2] Artes visuais: Serpa – volto convicto de que o tachismo não é o caminho para a arte atual. **Jornal do Brasil**, 24 de dezembro de 1959.

instituto de arte contemporânea

maneira distinta, é certo, da juventude e energia de Matisse – no sentido de fazer da arte essa espécie de antidestino: algo por que se vive e se morre a um só tempo.

Ao conceber que "a arte é superação permanente"[3], Serpa não está supondo nenhuma regra de desenvolvimento, nenhuma ordem temporal linear. Na realidade, como antidestino, a linguagem artística possibilita ao pintor nascido com carência de futuro vivenciar o tempo de maneira integralmente presente. Em termos sensíveis, a experiência temporal de Serpa é a atenção. Está sempre atento ao mundo. Não desliga o radinho de pilha, sintonizado nos noticiários, sequer na hora de dormir. Leva especialmente a sério seu papel de professor, zelando pelos inúmeros alunos que, embora se recordem de suas observações rigorosas com afeto e gratidão, não se tornaram seus seguidores, o que aponta o juízo da missão moderna do artista como a perpétua busca do novo, do original.

Toma para si essa tarefa, passando de uma experiência a outra – muitas vezes contraposta à anterior – com convicção e responsabilidade, mantendo-se atualizado com a melhor produção internacional. Cerca-se da família e dos amigos, cujo barulho e movimento gosta de sentir enquanto pinta, muitas vezes no chão da sala ou da varanda. Dá entrevistas, realiza exposições, articula grupos e recebe artistas, críticos e colecionadores em seu ateliê. Não tem medo de dizer o que pensa e critica abertamente artistas e movimentos brasileiros. Freqüenta a livraria Leonardo da Vinci, no Centro do Rio, em busca de novidades para a sua biblioteca. Quando sai de casa, carrega invariavelmente livro ou revista sob o braço, mantendo-se conectado com os problemas da arte e da cultura.

A atenção possibilita-lhe fazer do presente uma superfície temporal contínua. Sem passado ou futuro, sem nostalgia ou expectativas, sua vida e sua obra ganham a forma de uma atualidade duradoura. Dois anos antes de falecer, afirma: "Se tenho necessidade de fazer desenho, eu faço. Se for objeto, eu faço. E tem momentos em que tenho necessidade de não fazer nada. Sem aflição. Felizmente não tenho aflição. Sei que ela existe, mas não me pegou ainda. Nunca tenho planos. A vida é que os faz. De acordo com a maré é que eles serão traçados."[4] Para alguém que sofre com a ameaça diária de uma doença fatal, esse aparente desapego é, na realidade, o seu oposto: compromisso profundo com o tempo e

---

[3] Citado por Frederico Morais, Ivan Serpa: coerência sem dogmatismo. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 de abril de 1973.

[4] Depoimento ao Museu da Imagem do Som, 23 de setembro de 1971. Citado em Ivan Serpa no MIS: de Bernanos e Graciliano guardo recordações. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1971.

instituto de arte contemporânea

com o mundo. Toda a sua personalidade existe no instante mais indivisível da atualidade, no momento em que cria para si um novo nascimento e um novo fado, impessoal e coletivo.

As mutações estilísticas de Serpa podem ser compreendidas a partir dessa clave. São respostas ao seu compromisso com o tempo, dando forma à duração do atual. Mesmo quando faz uma última revisão, ao final dos anos 1960, e admite que as fases figurativas foram um desvio em sua carreira fundamentalmente ligada à abstração geométrica, Serpa está enfatizando esse engajamento na atualidade. Cada instante imprime um novo destino; dá nova direção ao seu eterno presente. O que parece particularmente sensível em suas obras inacabadas, que seriam classificadas dentro de sua fase "geomântica". Sua esposa conta que, já vitimado pela crise que o leva a falecer, na cama do hospital, manifesta preocupação com o vermelho de uma de suas telas finais. Mortifica-se com a possibilidade do último quadrado pintado secar diferente do planejado, comprometendo toda a obra. Antes de uma inquietação obsessiva reveladora somente do seu propalado cuidado artesanal, o fato mostra a ansiedade contida no fazer de Serpa, a sua aflição construtiva.

Mais uma vez, Serpa construía, com esses trabalhos finais, a superfície temporal na qual a duração aparece como instante. Da mística geomântica – prática divinatória de origem persa que se baseia em marcações na terra – o artista parece querer reter essa forma capaz de resumir todo o tempo, além de revelar a raiz telúrica da palavra geometria (relacionada à agrimensura) e mostrar os elos que sempre ligaram o racionalismo concretista à espiritualidade. A tarefa de Ivan Serpa é complexa: não apenas exige tempo e paciência artesanal, como também requisita uma estrutura tão simples e precisa – o quadriculado, as poucas e calculadas variações no preenchimento dos quadrados, a uniformidade dos vermelhos – que, por sua excessiva legibilidade, torna-se invisível. Em prol dessa concisão, dispõe-se a sacrifícios pessoais, como já percebe Mário Pedrosa, em 1952, quando elogia seu "esforço silencioso, pessoal, profundamente dramático" para "atingir uma linguagem plástica clara, sem concessões", para o que renega seus "próprios dons e possibilidades que todos, gregos e troianos, lhe reconhecem".[5]

Daí a sua aflição com o vermelho. Era preciso torná-lo neutro pela modificação de sua duração; fazê-lo insistir diante de nós, como a espacialização descontínua de uma permanência de cor. Superfície temporal fragmentada, cujo sentido parece não pertencer à

[5] Mário Pedrosa, Experiência e Arte. **Tribuna da Imprensa**. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1952.

instituto de arte contemporânea

ordem do tempo linear, pois não o antecede, nem o sucede – não participa da própria idéia de sucessão. A incerteza a que essas obras inacabadas nos lançam – apresentando uma criação eternamente aquém dos desígnios e das realizações de Ivan Serpa – apenas acentua a peculiar relação entre o artista e o tempo. O pintor se acostuma a viver cada nova conquista temporal – superando os sucessivos adiamentos na sua expectativa de vida – e cada nova fase de seu trabalho não como uma surpresa e sim como a repetição do instante de insistência do atual.

1923 – 1947: Formação e influências

Ivan Serpa nasce no dia 6 de abril, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde moram seus pais, Álvaro Bulhões Vieira Barcellos e Egéria Ferreira Serpa Barcellos, chefes de uma família abastada, com alguns empreendimentos e uma fazenda em Coronel Pacheco, perto de Juiz de Fora, Minas Gerais. O diagnóstico de uma cardiopatia congênita e a previsão pessimista de que o menino não viveria além da primeira infância, motivam intensos cuidados familiares. Cercado pela atenção de seus pais, o pequeno Ivan cresce acostumado com a companhia sombria da morte e com a possibilidade de desafiá-la. Ao completar sete anos, ultrapassando o primeiro limite antevisto pelos médicos, desenha um leão na capa da cartilha que recebe como presente da mãe. A partir daí, transforma o desenho em brincadeira e companhia diária. Desenha em todos os lugares; em casa, no colégio, nas paredes, nas calçadas, em qualquer superfície.

Mas a morte o encontra, antes, pelo outro lado. Aos doze anos, perde a mãe e o pai o deixa sob os cuidados do tio, Sílvio Ferreira Serpa e de sua mulher Cláudia. A criança se separa do pai e do irmão mais velho João. A tia Cláudia se encarrega da educação do menino. Lê muito, inclusive sobre pintura, oferecendo ao quase adolescente Ivan um ambiente de interesse pela cultura. De origem francesa, ensina-lhe, sobretudo, a amar a França, sua arte, sua história e seu idioma. Como ele mesmo admite mais tarde, "me habituei mais à maneira de viver à francesa do que à brasileira, o que me provocou certo desajuste".[6]

[6] Depoimento ao Museu da Imagem e do Som, 23 de setembro de 1971. Citado em Ivan Serpa no MIS: de Bernanos e Graciliano guardo recordações. Op.cit.

instituto de arte contemporânea

No Colégio 28 de setembro, no qual estuda até o 1º ano do Científico, é um aluno mediano, porém angustiado com o que chama de "sentido de nazismo no ambiente, ao qual era completamente contra".[7] Seu amor pela França leva-o a detestar Inglês, disciplina na qual recebe nota máxima apenas com o apoio generoso do inspetor federal do colégio, o escritor Graciliano Ramos, que substitui as perguntas da matéria por uma série de questões de História da França, brilhantemente respondidas pelo sobrinho de Cláudia. E assim Ivan, ou Yves, como o chamava a tia, chega à juventude, sem grandes planos de futuro, vivendo um dia atrás do outro e superando todas as fronteiras impostas pela doença fatal.

Desde cedo, trabalha numa companhia comercial, pois seu pai "sempre considerou útil que os filhos tomassem logo contato com a realidade dura".[8] Ao final do primeiro mês, o patrão o submete a um teste, tal como fazia com todos os funcionários novos: pede-o para realizar um pagamento, errando deliberadamente na quantia, de forma a restar um troco de 40 centavos. Ivan devolve a quantia ao patrão que quase dobra seu salário: "Você foi o primeiro empregado a devolver troco tão pequeno. Para os outros, o exercício da honestidade só se impõe a partir de dois cruzeiros".[9] Exatidão e correção moral são valores cultivados por Ivan, durante toda a sua vida.

A Segunda Grande Guerra eclode e Ivan sente necessidade de defender o país que tanto ama sem conhecer. Inscreve-se, em 1940, como voluntário no Comitê da França Livre no Brasil, aonde vem a conhecer pessoa chave para a sua decisão de se tornar artista: o literato francês Georges Bernanos. Sua voz grave, o corpo pesado, movimentado com o auxílio de muletas, o rosto sombrio e os profundos olhos azuis ajudam a compor a forte impressão que o escritor católico exerce sobre o jovem Serpa. Tal como os demais literatos cristãos do século XX francês, entre os quais Paul Claudel e Léon Bloy, Bernanos interessa-se pela salvação da humanidade corrompida pelo pecado, perversa e decadente. Suas posições tradicionalistas e monarquistas, entretanto, não o conduzem a um posicionamento político conservador unívoco. Revolta-se contra seus antigos companheiros, por se omitirem diante dos crimes franquistas e apoiarem os invasores nazistas em França. Toma partido do general De Gaulle, mas não se filia à resistência

---

[7] Idem.
[8] Hélio Pellegrino. Afirma Ivan Serpa: Portinari e Di Cavalcanti nada têm a transmitir. **Comício.** Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1952.
[9] Idem.

instituto de arte contemporânea

oficial. Sobre isso, o próprio escritor afirma: "nem democrata, nem republicano; homem de esquerda não mais que homem de direita; que querem que eu seja? Sou cristão".[10]

Bernanos chega ao Brasil em 1939, desiludido com o esgotamento espiritual francês. Aqui, se divide entre as ocupações de jornalista polêmico, com coluna semanal n'O Jornal, de defensor dos valores tradicionais franceses, de fazendeiro em Pirapora (Minas Gerais) e de escritor. Alguns de seus livros mais polêmicos, como *Lettre aux Anglais* e *Les Enfants Humiliés*, foram escritos no Rio, muitas vezes nas mesas do bar Amarelinho, em Copacabana. Nos raros porém intensos contatos que manteve com ele, Ivan aprende o valor supremo da independência e de sua defesa intransigente. Ao mostrar-lhe alguns de seus desenhos amadores, escuta a frase que ressoa pelo resto de seus anos e que, naquele instante, abre uma possibilidade de futuro: "Um dia você será um grande artista. O que você precisa é nunca fazer concessões a ninguém, o que certamente lhe trará muitos inimigos". Pois, para Bernanos, "é melhor desagradar conscientemente do que agradar por agradar".

Além disso, Serpa parece ter se deixado marcar pela concepção de Bernanos de liberdade: comprometimento com um mundo mais puro, sem as marcas da ostentação, que podemos encontrar na confluência das experiências da piedade, da poesia e da infância. Essa idéia, já despojada de seus conteúdos mais religiosos (Ivan Serpa nunca foi religioso, embora fosse místico e se interessasse muito pelo misticismo), será central para o jovem artista, desde cedo preocupado com a questão da "coragem criadora" – para usar as palavras de Mário Pedrosa, que encontra na arte de crianças e ingênuos. E não é gratuito que, durante toda sua vida, Ivan tenha sucessivamente rejeitado uma identificação estilística, em nome da liberdade artística que muito se aproxima do conselho de Bernanos: "Seja fiel aos poetas, seja fiel à infância!", "não se esqueça de que este mundo horroroso não se sustém ainda senão pela doce cumplicidade - sempre combatida, sempre renascente - dos poetas e das crianças".[11]

A essa influência marcante vem se somar a de outro refugiado do nazismo – o gravador austríaco Axel Leskoschek, com quem Serpa passa a estudar em 1946. Após assistir, meio por acaso, a uma aula do professor emigrado, opta por essa formação livre,

---

[10] Citado por Daniel Bermond. Bernanos, um anticonformista absoluto. *In:* **Label France.** nº 33, setembro de 1998.
[11] Olavo de Carvalho, Estilo e Alma de Georges Bernanos (1888-1948). Publicação virtual.

instituto de arte contemporânea

não acadêmica. Leskoschek leciona no Curso de Desenho de Propaganda e Artes Gráficas da Fundação Getúlio Vargas, de 1946 a 1948, e a partir de então, dá aulas para pequenos grupos em seu ateliê na Glória. Entre os seus alunos estão Almir Mavignier, Décio Vieira, Renina Katz e Fayga Ostrower que explica: "Na época era o único professor moderno e, por isso, foi muito procurado. (...) Ele mostrava que existiam regras, mas que estas não eram apenas preceitos. Cada um tinha de descobri-las".[12] O seu método didático, que valorizava a discussão conjunta dos trabalhos produzidos pelos alunos, era completamente diverso do ensino acadêmico, aproximando-se dos cursos de arte mais avançados da Europa. Muitos de seus alunos que se tornam professores, entre os quais o próprio Ivan Serpa, vão se utilizar desse tipo de dinâmica educativa, sobretudo por estimular a criação de uma personalidade artística, de uma linguagem singular e independente.

A combinação da influência dos dois emigrados, Bernanos e Leskoschek, leva Serpa a buscar, no novo emprego de professor de francês na escola particular Wladimir Matta, na Tijuca, uma estratégia educativa nova, capaz de desafiar os programas irracionais que, segundo ele, vitimavam as crianças, obrigando-as a decorar verbos e regras gramaticais. Sua preocupação didática começa a se desenvolver, ainda fora do campo da arte. Um dia, substitui o professor de desenho ausente. Como não havia preparado a aula, pede simplesmente aos alunos um desenho livre. Surpreende-se com o resultado e entende imediatamente que o caminho da liberdade criativa é o mais adequado para o ensino da arte. Pouco depois, ainda em 1947, monta escolinha de arte em casa, manifestando desejo de fazer da pintura o principal objetivo de sua vida. A entrega a esse antidestino também faz com que, nesse momento, se dedique pacientemente aos estudos de desenho e pintura, fazendo retratos, naturezas-mortas, flores, paisagens, com forte influência da Escola de Paris.

Leskoschek, em confidência ao crítico Hugo Auler, admite que Ivan era seu "discípulo amado". Admira-se com a facilidade com que Serpa, até então um desenhista amador, assimila os ensinamentos de pintura e composição. Mas o jovem artista busca ampliar seus estudos. Participa da Colméia de pintores, formada pelos alunos do curso de pintura ao ar livre com Levino Fanzeres, em cuja primeira exposição (Museu Nacional de

---

[12] Citado em **Axl Leskoschek. O mestre gravador: xilogravuras do período brasileiro: 1940-1948.** Porto Alegre: Caixa Econômica Estadual, s/d. p.5-6.

instituto de arte contemporânea

Belas Artes, Rio, 1947), apresenta quatro aquarelas de paisagens e árvores, dois óleos reproduzindo paisagens da Quinta da Boa Vista, mas também um desenho intitulado Composição e um estudo decorativo, mostrando a diversidade que buscava desde a sua formação. A conversão de toda essa experiência em linguagem pessoal é o desafio atual.

1947-1951: Aprendizado poético

Em 1947, além de participar da exposição da Colméia e de mostra organizada pela Ação Cultural Castro Alves, em favor da construção do monumento em homenagem ao poeta, Ivan expõe no Salão Nacional de Belas Artes, exibindo uma Natureza morta. No catálogo deste Salão e no posterior, do qual também participa, é apresentado como "Discípulo de Axel Leskoschek". Mas em 1948, sua obra parece causar mais interesse, já que recebe Menção Honrosa em desenho e Medalha de Bronze em pintura. Neste mesmo ano, expõe no Salão Fluminense de Belas Artes, em Niterói. No ano seguinte, no I Salão Municipal do Rio de Janeiro, recebe Menção com Louvor em desenho e o Prêmio Distrito Federal em pintura.

Nesta época, trabalha na Companhia de Publicidade Popular e faz capas, vinhetas e ilustrações para a revista Esfera. Sua pintura é ainda figurativa, com algumas incursões no abstracionismo, apresentando leituras variadas do problema espacial moderno. O guache Paisagem, de 1948, busca lidar com o problema da integração de coisas e espaço, mesmo que a partir de um ponto de vista lírico. Do ano anterior, a aquarela sem título (Abstração) encaixa planos de cor, destituindo a pincelada e a cor de seu sentido expressivo para torná-las construtivas. Já a tela Mulher com ventilador (premiada no Salão Municipal do Rio, em 1949) isola um fragmento espacial e o sensibiliza pela presença algo melancólica da mulher e sua relação com o objeto ventilador. Do mesmo ano, a capa que faz para o número 20 da revista Esfera apresenta linha lúdica que por seu movimento desconstrói a figura e dá origem a nova forma, abstrata, disposta sobre o fundo gráfico.

Junto a Abraham Palatnik, Almir Mavignier e sob a influência de Mário Pedrosa, cria um grupo pioneiro de artistas cariocas dedicado a pesquisas sistemáticas no sentido da abstração. Serpa entende a abstração como parte de sua concepção geral de arte como liberdade poética. Embora a admita como resposta atual à "época da matéria desintegrada", percebe-a como uma linguagem perene, que "sempre existiu ao lado da arte figurativa,

instituto de arte contemporânea

desde os começos do homem". Destaca, assim, as experiências de formas abstratas entre árabes, hindus e chineses, diferentes da abstração moderna por não constituírem "ainda" uma linguagem autônoma, como a arte abstrata moderna que "se completa em si mesma, como expressão, construção e conhecimento do mundo".[13]

Preocupado com a "essência" da arte abstrata, Ivan Serpa pensa a abstração como experiência antropológica básica, encontrando-a seja na decoração oriental, seja nas criações de crianças e "alienados", segundo terminologia da época. Com Mavignier, Palatnik e Mário Pedrosa, freqüenta o Serviço de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico D. Pedro II, criado e dirigido por Nise da Silveira. Aliado a seu contato permanente com a arte infantil, essa proximidade com a obra de esquizofrênicos amplia a sua idéia de arte, enriquece sua experiência formal. Lygia Pape comenta essas visitas: "O pessoal ia pra lá como numa romaria. (...) Era uma espécie de descoberta de um campo inteiramente novo em termos de arte no Brasil. Era uma experiência nova feita pela dra. Nise. Nova no sentido de apreensão de um outro universo terapêutico que é ao mesmo tempo arte. Alguns pacientes trabalhavam inclusive com formas geométricas".[14]

A percepção dessa qualidade trans-histórica da arte abstrata leva-o também a destacar o quanto de abstração existe mesmo nas obras de arte figurativas. De Boticelli e Delacroix, respectivamente, copia os pensamentos: "O estudo da paisagem é vão, jogue uma esponja embebida de cores diferentes sobre uma parede, na mancha que se formará pode-se ver uma bela paisagem" e "A arte do colorista tende, evidentemente, à matemática e à música". Junto a essas frases, Serpa coleciona outras de artistas abstratos como Kandisnky, Van Doesburg e Van de Velde, de pensadores como Henri Focillon e Hegel, ou de literatos como Valéry, Balzac e Poe, todas destacando o caráter libertário da linguagem poética.

Ênfase que parece particularmente curiosa no caso do artista que irá se tornar um dos membros mais destacados da arte concreta no Brasil, mas que desvenda justamente como a sua chegada ao construtivismo passa por uma leitura mais poética do que analítica da lição de Cézanne e dos cubistas. Daí a sua busca, mesmo na fase concretista, não de uma estratégia formal única (como a geometria teórica dos concretistas paulistas), mas de uma

---

[13] Hélio Pelegrino, op.cit.

[14] Fernando Cocchiarale e Anna Bella Geiger (org.). **Abstracionismo geométrico e informal. A vanguarda brasileira nos anos cinqüenta.** Rio de Janeiro: FUNARTE/INAP, 1987. p.153.

instituto de arte contemporânea

simplificação da linguagem que, entretanto, não lhe retire o sentido de poesia e espontaneidade.

Enquanto persegue sua linguagem pessoal, Serpa continua trabalhando como professor de francês na escola da Tijuca e dá aulas de arte para crianças em casa. Seu interesse pelo ensino leva-o a visitar a escolinha de arte que funcionava aos sábados, na Biblioteca Castro Alves, do Instituto Nacional do Livro. Convidado por Augusto Rodrigues para ver o trabalho que lá era feito, encontra a bibliotecária Lygia com quem irá se casar em 1949. Ivan deixa a casa dos tios na Praça João Pessoa, no Centro do Rio, e vai morar com Lygia num quarto alugado na ampla casa do colecionador Nelson Cardoso de Almeida, em Botafogo. Lá ficam até 1950, quando se mudam para a rua Uruguai, na Tijuca, ocupando uma casa antiga e grande, com portas e janelas emolduradas de pedra, "de sabor um tanto colonial".[15] Lá instala seu ateliê em dois cômodos amplos, onde desenvolve experiências com a abstração geométrica.

Em 1950, o amigo Murilo Mendes o convida para trabalhar no Departamento de Restauração de livros raros da Biblioteca Nacional. Desde o início, a atividade o entusiasma. Dedica-se com afinco e responsabilidade à tarefa artesanal que acaba se revelando essencial para a sua formação. Ali, aprende as qualidades de paciência e solidão, típicas da alma de monge medieval, que Mário Pedrosa anota como marca pessoal sua. Aprende também a conhecer a natureza do papel, os produtos químicos e os procedimentos usados na restauração. Sobre esse emprego, que mantém até 1964, Serpa diz a Frederico Morais: "Minha passagem pela Biblioteca teve grande importância para mim. Sobretudo porque eu gostava do meu trabalho. Eu via livros, incunábulos, gravuras que me despertavam atenção. Não podia errar porque um erro significaria a perda irremediável de um livro de valor. E raro. Isto me influenciou no sentido de fazer um trabalho bem feito".[16]

Antes de significar um desvio de sua rota artística, o afazer de restaurador estimula a concentração no seu antidestino. Em 1950 volta a participar do Salão Nacional de Belas Artes e já aparece como membro do júri no II Salão Municipal de Belas Artes, ambos no Rio. Mas são certamente mais importantes suas experiências plásticas dentro do grupo carioca de artistas abstratos, sob a influência teórica de Mário Pedrosa. Serpa admite que,

---

[15] Idem.

[16] Frederico Morais. Ivan Serpa: coerência sem dogmatismo. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 24 de abril de 1973

instituto de arte contemporânea

por diversas vezes, o apoio do crítico se desdobra em ajuda financeira, sem o que teria sido difícil prosseguir na atividade como artista. Em 1951, para que ele pudesse enviar trabalho para a I Bienal de São Paulo, Pedrosa lhe empresta um cruzeiro, quantia necessária para adquirir tela e tintas usadas na confecção da obra Formas, com a qual veio a ganhar o Prêmio Pintor Jovem Nacional.

1951-1958: Razão abstrata, linguagem individual.

Ser premiado com uma tela abstrata geométrica na I Bienal de São Paulo é fato notável, já que é justamente nesta mostra que a representação suíça exibe artistas concretistas como Max Bill e Sophie Täuber-Arp. É certo que Ivan Serpa não é mais um artista desconhecido. Alguns meses antes da Bienal, Marc Berkowitz define-o como um dos maiores talentos jovens do Brasil (*The Brazil Sunday Pictorial*, 5/8/1951). Em julho, faz sua primeira individual, na Galeria IBEU, no Rio, apresentada por Mário Pedrosa, que segue depois para o Museu de Arte Moderna de Resende, no Estado do Rio. Participações no Salão Nacional de Belas Artes e no Salão Municipal de Belas Artes, no Rio, e no I Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia, na capital paulista, fecham o ano de 1951.

A participação nesta Bienal e na seguinte rende a visita de Max Bill a seu ateliê. Serpa é o único artista do Rio a receber essa honraria do suíço. Inúmeros amigos acorrem para a sua casa. Lygia, ocupada com os cuidados de Yves, primeiro filho do casal que nascera em 1951, pede ajuda a Carvão para dar conta de tantos convidados. Lygia Pape, que lá estava na ocasião, relata: "Max Bill olhou um quadro de Ivan Serpa e disse: esse quadro está bom porque está certo".[18] Talvez a grande surpresa para todos fosse, justamente, o quadro estar "certo", dentro dos rígidos padrões geométricos do concretista suíço. Ferreira Gullar, ao descrever a tela com a qual Serpa é premiado na I Bienal, não esquece de lembrar que não era "uma construção com rigor, não concretista propriamente, mas já inteiramente geométrica. As cores também têm nuances, meios tons e tal".[19] Ivan chega a lamentar não possuir conhecimentos matemáticos que pudessem levá-lo a uma realização mais rápida e eficaz. Seu processo criativo é lento e, de certa forma, intuitivo.

---

[18] Citado por Fernando Cocchiarale e Anna Bella Geiger. Op.cit. p.155
[19] Idem, p.86

instituto de arte contemporânea

Ele mesmo o descreve em termos bastante distintos daqueles defendidos pela arte concreta: "Obra de arte consome tempo, não é produção em massa. (...) Primeiro adapto a idéia primitiva a um sistema de medidas iguais criadas por mim. Depois faço um desenho de seis a dez vezes até encontrar a solução perfeita em que a repetição figure como estrutura, mas não apareça. Só então executo o quadro".[20]

As obras concretistas de Serpa possuem essa peculiaridade. As formas geométricas não apontam para uma construção objetiva, em estreita ligação com problemas matemáticos. Mesmo o sentido rítmico das linhas e campos de cor assume um caráter distintivo, muito mais próximo da "música do quadro" de Delacroix do que seria esperado de um artista construtivo. A imagem final não é, assim, propriamente verificável. Chegar a uma realidade observável e controlável por meio de intuições e artesania parece mais um dos paradoxos que formam a arte brasileira e a de Ivan Serpa, em particular. Daí o espanto quanto à correção anotada por Bill, embora compreensível no caso de um artista como ele que, no quadro da arte construtiva européia, sempre defendeu a preservação das noções de personalidade, arbítrio e crítica, tradicionalmente banidas pela preocupação social dos artistas construtivos. E que, em suas visitas ao Brasil, elogiou não apenas a geometria intuitiva de Serpa, mas também a expressividade de Iberê Camargo, além de tecer duras críticas ao racionalismo arquitetônico brasileiro.

A grande influência teórica de Serpa, nessa época, continua a ser Mário Pedrosa, crítico envolvido na defesa da arte concreta. Mas o debate não acontece nos termos estreitos da distinção entre abstratos e concretos, questão central para Bill e os artistas da Escola de Ulm. Até porque a luta contra a arte figurativa dos modernistas brasileiros continua central. A arte concreta participa, no pensamento de Pedrosa, de um conjunto de outros fatos culturais responsáveis pela renovação do campo artístico brasileiro. Ao lado da exposição pioneira de Max Bill no MASP, destaca a mostra de Calder em 1948 no Rio, a revolução pedagógica das escolas de arte de Augusto Rodrigues e Serpa e a experiência de Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico D. Pedro II.[21] A reunião desses fatos díspares funciona, segundo o crítico, para ampliar a idéia de arte moderna no país, e faz com que

---

[20] Luiza Elza Massena. Arte concreta brasileira em Veneza. **Forma.** Nº 1. Rio de Janeiro, junho de 1954.
[21] Mário Pedrosa. Às vésperas da Bienal. **Mundo, homem, arte em crise.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975, p.283-4.

instituto de arte contemporânea

esta assuma um lugar bastante especial, entre o racionalismo abstrato e a crítica de raiz romântica à civilização burguesa.

O vínculo com essa maneira particular de conceber o trabalho abstrato geométrico dá a Ivan Serpa uma reputação curiosa dentro do concretismo brasileiro. Por um lado é considerado o grande articulador do movimento no Rio, o "Papa do concretismo", título que não o agrada em nada. Por outro lado, mantém-se isolado, numa participação algo lateral, sempre disposto a questionar as idéias de grupo, movimento ou estilo. De qualquer forma, torna-se personagem central na definição do sistema de arte brasileiro. Antes de tudo, por sua atuação como professor. Em 1951-52, cria o primeiro curso livre de arte do Museu de Arte Moderna do Rio, dando aulas para artistas jovens e crianças na sede provisória no pilotis do edifício do Ministério da Educação e Saúde. Monta, ainda em 1952, uma exposição de trabalhos de seus alunos em Paris, reconhecida pela Escolinha de Arte do Louvre, que adquire trabalhos de Carlos Val. E dá aulas aos sábados, no 13º andar do edifício IPASE, para 56 crianças de três a 14 anos, cujo resultado espanta o artista francês André Llothe, quando este visita Serpa.

Também participa ativamente dos debates artísticos da época, sempre se posicionando criticamente com relação a artistas e movimentos, em polêmicas entrevistas. Em setembro de 1952, assiste ao célebre debate entre defensores do abstracionismo e do realismo social, realizado no Ministério da Educação e Saúde, com a presença de Mário Pedrosa, Flávio de Aquino, Mário Barata, Quirino Campofiorito, Marc Berkowitz e Goeldi. Deixa-se fotografar dormindo enquanto os patronos do realismo falam. No mês seguinte, concede entrevista a Hélio Pellegrino na qual afirma que Portinari e Di Cavalcanti "passam-se por autênticos arautos da brasilidade", devido a "seus temas e seu postiço monumental", "quando são apenas acadêmicos", e o estudo de suas obras, portanto, "representaria pura perda de tempo".[21]

Ao mesmo tempo não deixa de integrar exposições oficiais, ajudando a modificar tradicionais critérios de seleção e premiação. Entre 1952 e 1953, participa do Salão Municipal de Belas Artes, no Salão Assírio do Theatro Municipal (Rio), do I Salão Nacional de Arte Moderna, no Ministério da Educação e Saúde (Rio), da II Bienal de São Paulo, na qual recebe o Prêmio de aquisição MAM-RJ, da polêmica I Exposição Nacional

[21] Hélio Pellegrino, op.cit.

instituto de arte contemporânea

de Arte Abstrata, no Hotel Quitandinha (Petrópolis) – na qual um público atônito era apresentado a 53 obras, das quais 33 tinham o mesmo título: Composição –, e até de uma Exposição-leilão em benefício dos sofredores com a seca do Nordeste (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde). Além disso, expõe nas representações brasileiras da XXVI Bienal de Veneza, da Feira Internacional de Lausanne e da Exposição Brasileira na X Conferência Interamericana de Caracas. Sem contar com mostras individuais e coletivas no Teatro de Bolso, na Galeria IBEU e nos Museus de Arte Moderna do Rio e de São Paulo. E ainda encontra tempo para fazer 150 ilustrações para poemas do amigo José Carlos de Macedo Miranda, que o poeta Tiago de Melo acaba perdendo e jamais são publicadas.

É nessa época que organiza o Grupo Frente, reunindo alguns de seus alunos e outros artistas articulados em torno de uma proposta de arte vanguardista. O nome do grupo, escolhido por votação, a partir de um caderno de Ferreira Gullar – que usava papelão para encadernar páginas soltas e escrevia "Frente" apenas para saber onde era o início do caderno – já diz muito das pretensões de seu criador: "o Grupo Frente nasceu da necessidade de reunir um grupo de jovens, sem preconceitos nenhum, que tinham em si uma grande força de expressão. Reuni então alguns de meus alunos (...) em maio de 1954 éramos apenas oito, hoje [1955] somos 30. As únicas condições (...) para pertencer ao Grupo Frente são: não ter compromissos com as gerações passadas, ser jovem e ter boa vontade para trabalhar".[22] Mais tarde, Serpa lamenta a identificação do grupo com o movimento concretista, pois o afasta de seus objetivos originais de liberdade artística.

Muitos de seus membros iniciais, como Hélio Oiticica, Lygia Pape, Lygia Clark, Franz Weismann, louvam a qualificação concretista. Mesmo admitindo um afastamento com relação aos modelos argentinos e suíços, que "não correspondiam ao nosso meio de vida", apostam numa concepção de arte engajada na produção industrial moderna, "modificando o gosto público e criando uma nova maneira de ver e sentir", através da criação de "objetos saídos dessa indústria [que] sejam obras de arte, numa sincronização perfeita entre sua forma e sua função".[23] Ivan Serpa não parece completamente confortável dentro dessa perspectiva, talvez devido ao limite poético de sua concepção de arte. Mas não

---

[22] Maurício Rabello. Palavra puxa palavra. Conversa com Ivan Serpa. **A voz da rua.** Rio de Janeiro, 1955 (recorte sem data precisa do Arquivo Lygia Serpa).
[23] Idem.

instituto de arte contemporânea

deixa de lidar com proposições nessa linha: dedica-se a projetos gráficos a partir de 1957, fazendo inúmeras capas de livros, sobretudo para o Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, a convite de Simeão Leal; a partir de indicação de Mário Pedrosa, participa da Exposição IX Prêmio Lissone Internacional para a pintura (1955), no tradicional centro italiano de produção industrial de móveis, preocupado em articular indústria e arte; realiza painéis para a Caixa Econômica no Edifício Marquês do Herval e para a KLM (1951) e concebe outros quatro em azulejo preto e branco para o Monumento do Retiro dos Artistas em Campo Grande, projetado por Francisco Bolonha, mas jamais construído, em rara ocasião de confluência de arquitetura racionalista e arte construtiva (1957); desenha estampagem de tecido para a Rhodia, nos anos 1960. Apesar disso, por sua obra tão particular, Ferreira Gullar afirma que, antes mesmo de se afastar do concretismo, já se encontra tão "isolado" quanto Iberê Camargo.

Lygia Pape também se refere a esse isolamento de Serpa. Mesmo sendo figura central no chamado grupo concretista carioca, prefere "ficar à parte".[24] Seu empenho para democratizar o acesso à arte, que leva o Grupo Frente a expor em Resende e Volta Redonda, além das duas mostras que realiza na capital carioca (na Galeria IBEU, em 1954, e no MAM, em 1955), e sua intensa participação em debates e exposições não impedem, ou ao contrário estimulam, o desenvolvimento de uma poética extremamente pessoal. Ivan parece ter compreendido, de forma pioneira, que "a chamada individualidade criadora poderia muito bem ser um mito destinado a inibir a capacidade de investigação, assim como o mito do artista como um ser especial já fora desmascarado como uma tática da sociedade para mantê-lo afastado das decisões políticas".[25]

Participação e isolamento se interpenetram nas experiências que começa a fazer com a colagem. Desenvolve procedimento técnico especial, no qual utiliza-se de maquinário empregado na restauração de papel. Os recortes geométricos ou livres de diferentes papéis superpostos se fundem quando submetidos à compressão em alta temperatura, criando um jogo de texturas e cores translúcidas. Mário Pedrosa celebra esse procedimento como a solução para os limites da colagem cubista, já que resolve a questão da superposição de materiais, substituindo-a pela fusão de papéis e cores, permitindo

---

[24] Citado por Fernando Cocchiarale e Anna Bella Geiger, op.cit, p. 154.
[25] Ronaldo Brito, Ivan Serpa: um pintor contra o estilo. **Opinião**, Rio de Janeiro, n.98, p.24, maio 1974.

instituto de arte contemporânea

alcançar "as transubstanciações mais sutis de matéria, de textura e de planos espaciais".[26] O mais curioso é que, após compor o trabalho com os recortes e antes de submetê-lo à pressão da máquina, Serpa desmancha e refaz tudo, de maneira a incluir as dimensões da intuição e da memória nessas colagens mecânicas. Pois como ele mesmo diz: "a surpresa deve existir na obra de arte. Caso contrário, não teríamos a obra de arte, mas rígidos e frios teoremas matemáticos, o virtuosismo da técnica pela técnica".[27]

Tais experiências são realizadas com tamanha convicção que já em 1954 Serpa as exibe em diversas exposições internacionais, como a Bienal de Veneza, a exposição individual na Galeria Pan American Union, em Washington, ou a *Mostra de Pittura Brasiliana Contemporânea*, na Galeria Nacional de Arte Moderna de Roma. Além dos elogios de Mário Pedrosa, que apresenta a mostra na capital americana, conquista a apreciação do crítico italiano Palma Bucarelli, que se encanta com sua "transparência luminosa". É claro que, com o tempo, para o artista dedicado à multiplicidade e atento aos movimentos artísticos mais recentes, a colagem também irá se mostrar insuficiente, sendo percebida mais como um meio artístico do que um fim.

Por um lado, Serpa mostra-se disposto a "alcançar os mesmos resultados através do pigmento"[28], levando a pesquisa de texturas para o trabalho de pintura. Mas outra grande lição que retém dessas colagens é a nova concepção de espaço, não mais entendido como vazio ou ilimitado dentro do qual se organizam as formas, e sim como o resultado de um encaixe formal denso. Nas obras de 1955 em diante, já vemos uma cor pesada e surda, que faz surgir os ritmos horizontais ou verticais, como dizem os títulos dos trabalhos. A convivência destes com a série Texturas mostra as direções múltiplas de suas pesquisas, que o leva a desempenhar papel fundamental no estudo e na divulgação da arte contemporânea no Brasil.

As aulas na sede provisória do Museu de Arte Moderna e no Colégio Coelhinho Branco, em Copacabana, o ajudam a garantir a independência artística, para a realização de uma obra não submissa às regras do mercado: "Eu preferia até ganhar dinheiro em outra

---

[26] Mário Pedrosa. Ivan Serpa expõe em Washington. **Forma,** nº 3. Rio de Janeiro, outubro 1954.
[27] Frederico Morais. Coerência sem dogmatismo. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 24 de abril de 1973.
[28] Exposição de Ivan Serpa e pintura de crianças nos EEUU. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 5 de junho de 1954.

instituto de arte contemporânea

atividade para poder fazer uma pintura sem concessões".[29] Servem, sobretudo, para dar direção à sua concepção da arte como linguagem poética, perenemente em busca do desconhecido. Em 1954, publica o livro *Crescimento e criação,* com trabalhos de seus alunos e texto de Mário Pedrosa, no qual as obras artísticas infantis são percebidas como exercício livre da criatividade, objetivo comum à produção de artistas contemporâneos.

Não gratuitamente, na medida em que o Grupo Frente vai se dissolvendo, ficam próximos a Ivan aqueles que também se dedicam ao ensino de arte para crianças: César e Hélio Oiticica. Os irmãos criam o Grupo de Livre de Arte Infantil, inaugurando sua primeira exposição em 1955, à qual Serpa comparece. Eles também o ajudam a selecionar trabalhos para a primeira mostra do Museu de Arte Infantil, criado por Ivan Serpa em 1956, no Jardim de Infância Betânia, em Copacabana. Para todos – Pedrosa, Serpa, os Oiticica –, a arte moderna não é um problema de estilo ou escola, mas a defesa de uma linguagem experimental e criativa, um movimento cultural que valoriza, romanticamente, o que fica marginalizado no curso da razão abstrata.

Ivan Serpa continua a receber artistas jovens em seu ateliê, agora instalado em sua casa da rua Abatirá, no Engenho Novo. Também freqüentam seu ateliê pacientes do hospital psiquiátrico Pedro II, mandados pela doutora Nise, a quem Serpa oferece materiais e algumas instruções. Deixa em todos os seus alunos uma impressão marcante, mais pela figura de mestre do que propriamente por uma influência estrutural. Costuma dizer que não dá aulas de arte, pois esta não se ensina. Apenas abre o diálogo com o aluno – artista ou criança – que se interessa pela arte e pela criação. Dá direções para possibilitar o aperfeiçoamento técnico e poético. E conta com satisfação como inicia essa conversa: "uma moça chegou e me disse que queria fazer figuras humanas. Respondi que para fazer boa figura, ela teria que conhecer a constituição do corpo humano, dar uma olhada em anatomia (...). Outro aluno veio me perguntar sobre tintas, sobre a cor. E eu respondo com uma pergunta: - você já observou as reações químicas da cor, viu o que acontece? (...) Outro rapaz me disse que queria fazer coisas místicas. Então trate de ler os grandes místicos, o que eles fizeram, o que eles procuraram". "Esta é uma maneira de mostras as coisas. Eu não ensino nunca. Cada um vai fazendo suas próprias descobertas".[30]

---

[29] Depoimento ao Museu da Imagem e do Som, op.cit.

[30] Entrevista com Ivan Serpa, feita por Lygia Pape com participação de Ascânio MMM e Antonio Manuel. *In:* Ferreira Gullar (org.). **Arte Brasileira Hoje.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1973, p.177-185.

instituto de arte contemporânea

Junto à constante atividade didática, continua a participar com sucesso de mostras no Brasil e no exterior, como a III Bienal de São Paulo, na qual recebe os Prêmios aquisição, Santista e UNESCO, o IV Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio, no qual recebe o Certificado de Isenção do Júri, a I Exposição de Arte Brasileira Contemporânea, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a *International Art Exhibition*, em Tóquio, a III Bienal Hispano-Americana de Arte, em Barcelona, e as mostras *Arts primitifs et modernes brésiliens,* no Museu de Etnografia de Neuchâtel, e *Artistes brésiliens,* em Paris, todas em 1955, ano do nascimento de sua segunda filha Leila.

No ano seguinte, continua integrando exposições coletivas de relevo. Além das mostras do Grupo Frente e de uma individual de colagens na Galeria Tenreiro, no Rio, participa de exposições itinerantes de arte brasileira contemporânea na América Latina, da I Exposição Nacional de Arte Concreta, em sua versão carioca, em janeiro de 1957, conhecida como marco da polêmica entre os grupos concretistas carioca e paulista, da IV Bienal de São Paulo e, finalmente, do V e do VI Salão Nacional de Arte Moderna, nos quais recebe, respectivamente, o Certificado de Isenção de Júri e o Prêmio de viagem ao estrangeiro. A última premiação conta com o voto de Goeldi que, embora não goste do trabalho abstrato, admite ser o melhor do Salão. Recebe passagem de ida e volta para a Europa e uma bolsa mensal de 500 dólares, por dois anos, para empreender uma viagem que adia por vários meses.

Ainda que tenha motivos justificáveis para tal – quer sair licenciado oficialmente da Biblioteca Nacional, o que o prende nas malhas burocráticas do serviço público –, esse adiamento, aliado ao relativo descaso com que encara o prêmio, leva muitos a o acusarem de esnobismo. Na verdade a polêmica começa quando Serpa declara, logo após a notícia da premiação que, se tivesse condições, devolveria metade do prêmio recebido, só para ficar com o quadro premiado, pois "há nele problema essencial para mim".[31] Essa frase "estranhável", como qualifica José Roberto Teixeira Leite, coroa os debates acirrados sobre os possíveis premiados do Salão, entre os quais o nome de Ivan Serpa surge com destaque desde o ano anterior. Enquanto alguns críticos celebram o esgotamento da tendência figurativa e indicam artistas abstratos para o grande prêmio de viagem ao exterior, os seus detratores tratam de ironizar os trabalhos de Serpa e chegam a afirmar que "os concretistas

[31] Jaime Maurício, Itinerário das Artes Plásticas. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1957.

instituto de arte contemporânea

não realizam arte", baseando-se numa leitura equivocada de declarações de Lygia Clark em favor do caráter científico e matemático das pesquisas contemporâneas.[32]

Para engrossar a polêmica, Serpa, ainda no calor da notícia do prêmio, afirma que a lei do salão deve mudar, já que é "concebida por acadêmicos para um salão de artistas modernos".[33] Depois, aproveita o interesse dos jornalistas pelo prêmio para continuar seus ataques à pintura figurativa e a Portinari, afirmando que figuração só é válida quando feita por loucos, primitivos e crianças. Não responde com o entusiasmo submisso esperado e, finalmente, após cinco meses do embarque tão dilatado, precisa retornar por breve tempo ao Rio, por motivos de saúde. Nada disso diminui, entretanto, o trauma causado pela viagem, que vai provocar uma verdadeira revolução em suas concepções e em sua prática artística.

1958-1960: Trauma estético

Antes de viajar, em julho de 1958, ainda expõe, a convite de Sérgio Camargo, na Galeria GEA, no Rio. Também recebe uma homenagem em sua despedida, na Churrascaria Bar Recreio, da qual participam Niomar Sodré, Roberto Assunção, Marc Berkowitz, Mário Pedrosa, Mathilde Pereira de Souza, Aluísio Carvão, Lygia Pape, Ferreira Gullar. Ivan parte sem chegar a dar aulas para as crianças do recém fundado Instituto de Arte Infantil, em casa que aluga junto com os artistas Alberto Pinedo, Aluísio Carvão e Hélio Oiticica no Lins de Vasconcelos. Despede-se dos amigos em festa oferecida pela ex-aluna Elisa Martins Silveira. Dá adeus aos filhos Yves e Leila e à esposa, em final de gravidez.

Lygia fica no Rio, com a família, e dá a luz ao filho mais novo do casal, Heraldo, pouco depois da partida do marido. O menino nasce com sérios problemas – não tem o céu da boca formado – mas a mulher não quer preocupar o artista que havia partido um tanto hesitante quanto ao roteiro que iria seguir na Europa. Enfrenta sozinha a situação. Consegue que o cirurgião Ivo Pitangui, admirador do trabalho de Serpa, faça a operação que cura o menino, sendo retribuído, alguns anos depois, com a oferta de uma obra informal de Ivan.

---

[32] Pedro Manuel. Paleta. Salão Nacional de Arte Modenra. **Correio Radical.** Rio de Janeiro, 7 de junho de 1956.
[33] Artes Plásticas – Noticiário. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 31 de maio de 1957.

instituto de arte contemporânea

Enquanto isso, o artista inicia sua turnê européia. De Marselha, destino inicial, vai à Espanha, onde chega a realizar uma exposição de guaches no Museu de Arte Contemporânea de Madri, para o qual doa uma das obras expostas. Também participa da Exposição Ibero-Americana de Arte Infantil, apresentando trabalhos de seus alunos que, ao lado dos da Escolinha de Arte do Brasil, de Augusto Rodrigues, ganham o primeiro prêmio. A um jornalista carioca conta com alegria infantil que, durante passeio de táxi por Las Palmas, ao se deparar, numa rua particular, com "casinhas lindas", desanda a gritar: "Olha o Volpi, é o próprio! E o Dacosta, completamente Dacosta!".[34] Esse fato inusitado leva-o a criar uma série de desenhos em Homenagem a Volpi, trabalhando com as bandeirinhas típicas do artista paulista.

Encontrar "o próprio" Volpi na Espanha parece apontar para a compreensão de Serpa daquilo que simultaneamente aproxima e distancia a arte brasileira da européia. Por um lado, revela a universalidade da linguagem abstrata moderna. Por outro, indica a necessidade de um certo contexto cultural – as tais "casinhas lindas" –, que oferece o ambiente para essas formas. E começa a buscar, como diz numa carta-diário endereçada aos irmãos Oiticica, que a saudade do Brasil o leva a pensar numa linguagem concreta "capaz de expressar nosso caráter nacional".[35]

Nestas cartas-diário, conta detalhes da primeira parte de sua viagem: a escolha de um hotel apenas pelo nome da rua em que ficava – rua Goya; a visita à exposição do pintor informal parisiense Mortensen, sobre a qual nada disse, uma vez que não podia falar sobre o "nada"; a sensação de esmagamento provocada pelas obras de Goya e El Greco. No confronto com a cultura européia Serpa sente que, para efetivamente valer a pena, a sua arte precisa perder quaisquer resquícios de imaturidade. Nas visitas ao Museu do Prado e à caverna de Altamira aprende o sentido histórico e antropológico da pintura, realização de uma certa cultura e aceno fundador da própria humanidade.

Quando retorna cinco meses mais tarde ao Brasil, a situação familiar está contornada e sua mulher e três filhos já se encontram instalados no Méier, na rua Juruviara de casinhas iguais com pequeno jardim à frente (hoje transformadas por reformas individualizadas e de diferentes épocas). Volta para tratar do sopro duplo no coração com o

---

[34] Homenagem a Volpi. **O Jornal.** Rio de Janeiro, abril de 1959.
[35] **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1958.

instituto de arte contemporânea

médico particular que o conhece desde menino. Trabalha com vagar, levando de dois a três meses para completar uma tela. Retorna à Europa, em meados de 1959. A companhia da família do escultor brasileiro Franz Weissmann, que recebe prêmio de viagem em Salão posterior, anima-os a comprar um carro e visitar diversos países.

Em Zurique, vai ao ateliê de Max Bill, onde vê cerca de 50 trabalhos, todos devotados a um único problema formal. Serpa espanta-se: o artista suiço "fazia o desenho de uma escultura concreta, com todos os dados indicados, e um artesão a confeccionava, exatamente como ela a havia concebido, sem precisar que ele supervisionasse cada fase da operação. Onde, no Brasil, encontraríamos algo assim?".[36] Se a arte concreta no Brasil passa a lhe parecer, cada vez mais, um contra-senso cultural, tampouco o informalismo, tão em voga na Europa neste período, sugere uma solução. Na realidade, Serpa se decepciona especialmente com o tachismo francês, que considera insignificante, se comparado ao americano e ao alemão.

A presença constante de pinturas informais nas galerias parisienses provoca uma decepção com a França que há tantos anos povoa seus sonhos. Prefere os museus suíços e holandeses, nos quais vê obras de artistas construtivos. De Paris guarda com afeto a lembrança da visita ao ateliê de Pevsner, já velho e cansado, mas ainda assim "encantador", e de uma exposição de colagens de Matisse. Além disso, interessa-se pelo trabalho do Grupo 57, que reunia jovens artistas contra o tachismo, exposto na Galeria Denise René, da qual recebe proposta de contrato, imediatamente recusado pela falta de vontade de se enquadrar numa situação institucional estável e limitadora.

Na Alemanha, visita a Escola de Ulm e admira-se com a popularidade da obra de Kandisnky e Mondrian, presentes na II Documenta de Cassel. Da Itália, sai admirado com o patrimônio artístico e cultural, embora tenha guardado recordações nada agradáveis do barulho das cidades italianas. Encanta-se, sobretudo, com a Espanha, onde a implicância com o informalismo não o impede de manter contato com vários artistas contemporâneos, como Feito, Cuixart, Millares, Lago e Oteiza (prêmio de escultura na Bienal de São Paulo, de 1957).

Esse aprendizado vasto sobre arte se completa no convívio quase diário que estabelece com o poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, em Marselha e na Catalunha,

---

[36] Marcos Santarrita. Ivan Serpa. **Jornal da Bahia.** Salvador, 31 de julho e 1º de agosto de 1966.

instituto de arte contemporânea

no qual encontra um amigo e um mestre. "Durante essas ruas paris/ de Barcelona, tão avenida,/ entre uma gente meio Londres/ urbanizada em mansas filas", como diz o poeta em *Uma Sevilhana pela Espanha*, Ivan faz o projeto gráfico e três ilustrações para o livro *Quaderna*, editado em Lisboa, em 1960. E é através dessa amizade que chega ao artista gráfico Enric Torno, responsável pela publicação do livro *Ivan Serpa*, com desenhos em preto e branco, azul e branco e vermelho e branco, impressos em página contínua, desdobrável.

Nesse livro de artista, Serpa configura a sua experiência da viagem. A duração da forma não é mais alcançada com a ordem rítmica dos planos de cor, e sim com o gesto físico de desdobrar e voltar a dobrar as páginas, numa sucessão não progressiva que ao final, retorna ao início. Há mesmo escassas distinções entre a frente e o verso do objeto-livro. E pouco importa de onde iremos partir. A questão é a introdução dessa dinâmica exterior, desse elemento vivencial em sua forma geométrica, atribuindo certa literalidade poética à arte construtiva. Ao chegar ao Brasil, portanto, nada mais óbvio do que uma aproximação de Serpa com o Neoconcretismo, não só por reunir antigos companheiros seus, como também por propor abertamente a sensibilização da geometria, apoiando-se na crítica fenomenológica à psicologia da Gestalt. Entretanto, isso não ocorre.

Serpa passa meses sem conseguir pintar. O contato com a arte européia havia desafiado suas antigas convicções. Sobre isso afirma: "Na Europa, distante de todas as influências mais próximas do meio brasileiro, pude ver e julgar com maior independência tudo o que fazíamos aqui. Verifiquei, então, que a arte concreta não correspondia à realidade. Mesmo assim, continuei a fazer arte concreta, embora em dúvida. Em dezembro de 1959, ao voltar da Europa, passei cinco meses sem pintar e procurei julgar o que vinha fazendo. Li e pesquisei atentamente. Ao voltar a pintar, notei que havia uma profunda modificação em tudo que fazia (...) eu voltava a ser um homem, com suas necessidades interiores e aspirações em franca expansão".[37]

A abstração geométrica não o satisfaz mais. Participa da *Austellung Brasilianischer Künstler* em Viena e Munique e da I Exposição de Arte Neoconcreta no Museu de Arte Moderna do Rio e no Belvedere da Sé, em Salvador, mas desinteressa-se pela polêmica

[37] Haroldo Hollanda. Arte geométrica é arte do passado. Ivan Serpa, papa do concretismo, rompe com a escola. **Mundo Ilustrado,** nº 163. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1961.

instituto de arte contemporânea

entre concretos e neoconcretos. Não quer enviar obra para a exposição de arte concreta brasileira em Zurique. Sente necessidade de se livrar da influência dos suíços. Mas não pretende o consolo de uma obra caracteristicamente informalista ou excessivamente subjetiva. Isola-se e parte para pesquisas em livros antigos da Biblioteca Nacional. Por vezes parte do signo geométrico, mas libera a imaginação para transformá-lo em algo completamente diverso. Em outras, dialoga com o papel comido por cupins, lidando com a forma e a textura dessa destruição, simultaneamente anterior e posterior ao trabalho, dado prévio e destino. Também opta por fabricar anti-livros e anti-letras, incorporando a negatividade como dado central de sua poética. Pretende revelar elementos ocultos sob a superfície objetiva da arte.

1960-1965: Forma e figura

Serpa demora a mostrar suas experiências informais ao público. Embora participe de inúmeras mostras coletivas no Brasil e no exterior, inclusive recebendo prêmios, apenas na individual inaugurada em 17 de agosto de 1961, no Museu de Arte Moderna do Rio, apresenta sua nova pintura. Para muitos críticos, o choque foi violento. Afinal, o "Papa do concretismo" abandona a antiga escola e adota uma linguagem em tudo estranha à anterior.

A honestidade de sua criação e de seus objetivos plásticos impede, porém, acusações mais ligeiras de oportunismo ou simples adequação à voga informal na Europa e no Brasil. Não que Serpa estivesse desatento a essas tendências contemporâneas, mas como vimos, não pode aceitar o informalismo como solução. Defende o sentido realista desta fase, negando a sua qualidade abstrata, justamente por partir de "elementos existenciais" – como páginas de livros velhos, dados geográficos, letras etc. – para criar "coisas reais", deixando o público perceber o seu caminho e o seu ponto de partida: "Era a mesma coisa que uma natureza morta, um corpo humano, apenas recriados pela minha imaginação, como eu, na qualidade de criador os via, sentia e vivia".[38]

Se não podem ser qualificadas comodamente como informais, as novas pinturas de Serpa tampouco ficam confortáveis debaixo do rótulo expressionista, mesmo ampliado para sua versão abstrata, já que não são gestos resultantes da expansão egóica do artista. A combinação de têmpera e óleo de seus quadros cria uma superfície rude e dissonante,

[38] Marcos Santarrita, op.cit.

instituto de arte contemporânea

empreendendo uma crítica severa aos limites da própria abstração. Pela introdução de um tempo exterior, corrói o otimismo da linguagem abstrata e complexifica a própria noção de forma. Serpa acusa seus antigos colegas construtivos de viverem numa "torre de marfim". Antevê, com ironia, o destino de incompreensão pública dessa arte: "Arte não é ciência. No concretismo as teorias nascem antes dos quadros. Vai chegar o tempo em que nas exposições, ao lado de cada quadro, explicando o seu significado, haverá longos artigos".[39] Em sua nova fase, a questão da comunicação com o público e, portanto, da mensagem da obra e de um código lingüístico comum, passa a ser uma exigência. Recusa-se a nomear as telas, justamente para manter aberta a possibilidade crítica e criativa do espectador, convidado a dar seu significado particular às manchas.

Sua obra informal conquista alguns prêmios e recebe críticas favoráveis no Brasil e no exterior. Um marchand de Nova York, ao visitar a individual no MAM do Rio, em 1961, adquire três telas e oferece-lhe contrato de exclusividade, com casa e salário mensal de 2 mil dólares, recusado em nome da mesma liberdade que buscava em seus trabalhos plásticos. Nessa mostra, 21 dos trabalhos expostos são vendidos. Poucos meses antes, o crítico argentino Rafael Esquirru, diretor do Museu de Arte Moderna de Buenos Aires, visita seu ateliê e admira-se com a sua "esplêndida nova fase". No Brasil, Jayme Maurício conta, em sua coluna no jornal Correio da Manhã, que a "nova fase de Ivan Serpa vem provocando entusiasmo e uma romaria para o ateliê do artista. Reservas e compras".[40]

Em 1962, Serpa participa da mostra *New Art of Brazil*, na Walter Art Center, em Minneapolis, da XXXI Bienal de Veneza, da I Bienal Americana de Arte, em Córdoba e Buenos Aires, da Coletiva de Desenhos e Gravuras na Galeria Relevo, no Rio, e do XI Salão Nacional de Arte Moderna, no qual recebe o prêmio de viagem ao país, aproveitado em viagens de estudo por cidades históricas de Minas, Pernambuco e Bahia. No ano seguinte, integra a Coletiva de Artistas Brasileiros, na Galeria de Arte da Casa do Brasil em Roma, e tem trabalhos expostos em exibições organizadas pelo Museu de Arte Contemporânea da USP, no interior de São Paulo. Mas para a VII Bienal de São Paulo, contradizendo o predomínio geral do informalismo, envia trabalhos figurativos, que também exibe em polêmica mostra individual na Galeria Tenreiro, no Rio.

---

[39] Haroldo Hollanda. Op.cit., p.72.
[40] Jaime Maurício. Itinerário das Artes Plásticas. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 15 de março de 1961.

instituto de arte contemporânea

Parece ilógico o fato de que o enfrentamento do problema da dissolução formal acaba levando o artista para a figuração, mas não é. Do arabesco de linhas ou da sugestão quase casual de certas áreas de cor começam a nascer figuras de seres ainda pouco discerníveis. O que nos mostra, em retrospectiva, o quanto aquelas manchas e respingos se remetem ao mundo exterior, mesmo sem o representar, e como a sua figuração era essencialmente abstrata. Ou seja, não há propriamente contradição entre esses dois termos para Serpa, como ele mesmo declara: "Comecei a me interessar pela figura humana e pelos bichos com a idéia de descobrir em cada linha, em cada forma, alguma coisa que sugerisse uma figura cada vez mais trabalhada, mais simplificada e também despojada de qualquer compromisso com qualquer escola".[41] Nesse despojamento, Serpa precisa abrir mão de antigos conceitos de beleza e, o que é mais difícil para ele, dos limites impostos pelo seu bom gosto.

As reações são variadas. De maneira geral, o público espanta-se com o grotesco de suas mulheres e bichos. Muitos colecionadores, entusiasmados com a fase anterior, comentam decepcionados que não vão colocar monstros em suas salas de visita. Serpa não vende um quadro sequer, embora a mostra seja sucesso de público. Ancorado no emprego da Biblioteca Nacional, desobriga-se da venda, em nome de uma produção autônoma, agora destinada, prioritariamente, ao visitante de museus. Sobre a exposição na Galeria Tenreiro, Ferreira Gullar se pronuncia positivamente: "o pintor começa a voltar à realidade", ainda que com alguma resistência, caminhando para "um ponto de vista mais objetivo em que sua condição de homem e de artista se exprima com maior amplitude e profundidade".[42] Gullar elogia especialmente a predominância da linha sobre a cor, revelando a vontade objetiva de organizar a matéria expressiva, dando fim aos procedimentos mais gestuais e automáticos da fase anterior. E ressalta a importância da mostra, "particularmente pelo que significa de tomada de consciência de um problema que está latente em toda a arte contemporânea".[43]

A crítica de Gullar é feita no mesmo ano em que escreve o seu livro *Cultura posta em questão* (publicado em 1964), no qual defende a politização da linguagem artística e seu "reencontro com a legitimidade cultural". Os ideais de participação através da arte mudam

---

[41] Harry Laus. Ivan Serpa se despede. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1963.
[42] Citado por Quirino Campofiorito. Artes Plásticas: Gullar – Serpa e Darel. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1963.
[43] Ferreira Gullar. Serpa retorna à figura. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 5 de setembro de 1963.

instituto de arte contemporânea

de direção: do destino social dos objetos concretos, que visavam qualificar a experiência estética dos homens a partir da forma abstrata e universal, para o engajamento na luta pela libertação econômica do país e pela implantação da justiça social. O que conduz o crítico a uma reflexão sobre o nexo da mensagem estética com a sociedade. A Bauhaus havia postulado a "transformação do sistema social" até que "se chegue a integrar o artista na indústria [e no mercado] de maneira efetiva". Mas essa integração traz, por conseqüência, o fim da "arte de expressão individual" comprometida com outra função: a crítica social. Optar individualmente por esse último caminho é, segundo Gullar, "duro", mas talvez o mais acertado diante do quadro sócio-político de então.[44]

A fase figurativa de Serpa não está alheia a esse debate, acirrado depois de 1964, embora participe dele, como sempre, com alguma reserva. O pintor admite estar "saturado de bonito, de quadro confeitado que não fala da realidade em que todos vivemos". Mas a sua defesa da ligação da arte com o presente passa fundamentalmente pela recusa da antiga mística do artista boêmio, em nome de um artista trabalhador – "Arte é ofício".[45] Admite o engajamento no trabalho como forma de desafiar a "farsa" dos salões e das premiações oficiais, mas recusa o tradicional epíteto de arte engajada: "a arte, propriamente dita, não pode ter compromisso de maneira alguma, porque isso implicaria necessariamente em limitações. Mas compreenda-me bem, eu falei a arte, o que não quer dizer o artista. Este (...) deve adotar uma atitude, porque tem que ter uma visão do mundo, uma cosmovisão. Isto o ajudará a fazer de sua arte uma arte humanística e, até certo ponto, comprometida. Desta maneira, o resultado não será uma arte engajada, mas a arte de um artista consciente".[46]

Serpa continua a integrar mostras coletivas no Brasil e na Europa, sobretudo agora que, aposentado da Biblioteca por intoxicação com produtos químicos, dedica-se exclusivamente à carreira artística. Suas figuras são expostas na *Brazilian Art Today*, no Royal College of Art de Londres, em 1964, na Bienal de Veneza deste mesmo ano e no *Salon Comparaisons*, no Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, em março do ano seguinte. Também são exibidas no Rio, em 1964, na coletiva O Nu na Arte Contemporânea,

---

[44] Ferreira Gullar, **Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.p.95-97.

[45] Ivan Serpa expõe as razões de sua fase figurativista. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 27 de dezembro de 1963.

[46] Marcos Santarrita, op.cit.

instituto de arte contemporânea

na Galeria IBEU, e nas individuais nas Galerias Tenreiro e Barcinski, recebendo nesta última o Prêmio Jornal do Brasil. No início de 1965, "já refeito do baque de 1964", o artista retoma alguns elementos de sua obra concretista. Trabalha com tinta vinil, fosca e luminosa, de cores gritantes. Insere formas geométricas, números, letras e palavras, "sem nenhuma significação interpretativa especial".[47]

Obrigados a irem com freqüência ao ateliê no Méier, na tentativa de acompanhar seu transformismo artístico, os críticos parecem perdidos diante da defesa intransigente de um diálogo livre com as escolas e movimentos internacionais, cujo acervo de conquistas e descobertas artísticas "faz parte do patrimônio cultural da humanidade".[48] Antigas implicâncias de Serpa são relativizadas. Admite algum valor para a obra Di Cavalcanti, anteriormente tão criticada, sobretudo por seu esforço em criar uma arte tipicamente brasileira. E Di responde com pilhéria dizendo ao Serpa figurativo: "Rapaz, você está um bocado social".

1965-1968: Participação crítica

Serpa experimenta essa exigência de empenhamento crítico na nova fase Negra. Faz questão de deixar claro que as suas preocupações transcendem a situação social e política brasileira. Sua viúva Lygia conta o quanto lhe traumatiza a visão daquela famosa fotografia da guerra do Vietnã, na qual uma criança corre, com restos esgarçados de roupas, tentando desesperadamente fugir das dolorosas queimaduras por ácido. Fugir de seu destino inevitável, fugir de si mesmo e do seu próprio corpo – ali aparece sintetizado e amplificado o drama pessoal de Serpa. Muito sintomaticamente, uma de suas telas desta fase, que o artista tão significativamente prefere chamar de Crepuscular, é usada para ilustrar a poesia de George Painter, no livro *A Chamber of horrors,* intitulada *Meeting with a double*. Nela, um menino se depara, no alto da escada, com um rosto horrível. Mas "não era o fantasma do seu pai ou mãe", tampouco de pessoas que ele conhecia: "It was himself, oh, what a disgrace".[49]

---

[47] Marcos Santarrita, op.cit.
[48] Idem.
[49] "Era ele mesmo, Oh, que desgraça". *In:* John Hadfield (org.), **A Chamber of horrors**. London: Studio Buena Vista, 1965. Artistas que ilustram o livro: Bosch, Cranach, Bruegel, Goya, Munch, Klee, Ensor, entre outros.

instituto de arte contemporânea

As deformadas Figuras de Serpa, monstruosas, têm esse quê de espectros domésticos. Talvez por estar absolutamente consciente da individualidade de seu drama, o artista tenha buscado, nesses trabalhos, compensá-la com uma fatura seca e uma matéria rala. No lugar de enfatizarem a tragédia pessoal, essas grandes telas ditas expressionistas procuram no íntimo o elemento comum. Aquilo que é excessivamente subjetivo a ponto de tornar-se prosaico. Nada de homem especial, de gênio catalisador de revoltas ou de dramas; nada de vanguarda. É assim, como alguém comum, que Ivan define a sua indignação contra a situação do país: "era a agonia, a frustração e a tragédia de todo um povo". "Sentia em mim certas coisas, reações. Afinal, o artista é antes de tudo, homem, e quando este homem é casado, brasileiro, quando dele dependem muitas pessoas, quando pela manhã precisa desembolsar o dinheiro para o pão, o leite, a carne, e, no fim do mês, pagar as contas do colégio, do médico, o aluguel, ele sabe que as coisas não vão bem, não só para ele, mas para todos".[50]

O cotidiano de Ivan enfatiza essa dimensão de homem comum. Só anda de ônibus ou a pé em seus trajetos entre o subúrbio, o Centro e a zona Sul carioca. Em bar do Méier, na rua Dias da Cruz, reúne-se com um grupo de pessoas simples e intelectuais anônimos para conversas e cafezinho. Recusa-se a usar gravata. Torce apaixonadamente pelo time de futebol mais popular do Brasil. Um dia, questionado por amigo influente sobre um desejo que gostaria de ver realizado, disse sem hesitações que queria conhecer os jogadores do Flamengo, sonho atendido sem demora e com grande emoção. Também acompanha com fervor as apresentações da escola de samba da Mangueira, à qual dedica uma de suas últimas fases. Admira a arte popular e *naif*, montando uma pequena coleção de telas e cerâmicas, com destaque para obras de Miguel dos Santos. Em 1971 afirma: "Nada me distancia de uma pessoa que, só agora, começa a pesquisar ou a pintar".[51]

A crítica à idéia de vanguarda não é exclusividade de Serpa. Já a partir do fim da Segunda Grande Guerra, muitos artistas que haviam acreditado na possibilidade da arte liderar o processo de transformação social enfrentam o peso de uma desilusão histórica. A arte contemporânea, desde os anos 1950 e 1960, postula no seu lugar uma aproximação radical entre arte e vida, entre o fazer artístico e o fazer comum, que no limite significa a

---

[50] Citado por Frederico Morais, Ivan Serpa: Coerência sem dogmatismo. Op.cit.
[51] Serpa e Bruno levam escola de arte sem mestre para Ipanema. **O Globo.** Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1971.

instituto de arte contemporânea

"desestetização" ou, pelo menos, a morte da categoria de belo como juízo estético fundamental. Afinal, se a arte não pode ser vanguardista, sua antiga função histórica, deve recuperar a vitalidade nesse território da vida comum. Por isso, a chamada Nova Figuração havia buscado se aproximar de imagens populares e urbanas – "pop" – e pela mesma razão artistas conceituais e minimalistas passaram a lidar com elementos materiais discretos para alcançar uma espécie nova de transcendência.

Também por isso, artistas brasileiros como Hélio Oiticica e Lygia Clark começam a questionar os limites entre a experiência estética e a ética, enveredando por uma arte ambiental, vivencial e até terapêutica. A fase Negra de Serpa contradiz essas experiências artísticas, embora sustente idêntica crise. Seus monstros descoloridos oferecem o código comum para que a comunicação se estabeleça – por serem figuras obviamente depressivas, retoricamente dramáticas, dispensam o artista de explicações e o espectador de grandes elucubrações teóricas, fazendo-o fruir a "soturna beleza dos valores formais e tonais".[52]

Significativamente, no lugar de conduzi-lo de maneira decidida para a vertente expressionista, passa a exigir mais e mais o confronto com cortes geométricos e diagonais incisivas. A sua participação na polêmica exposição Opinião 65 – organizada por Jean Boghici e Ceres Franco, no MAM do Rio, com 13 artistas estrangeiros e 16 brasileiros – mostra bem essa nova direção. A crítica e curadora francesa não tem muitas dúvidas de situar Ivan Serpa como herdeiro do construtivismo, percebendo como ele "controla sobre a tela os elementos figurativos de seu semantismo lírico, numa *mise-en-page* construída, geométrica".[53]

Tanto quanto os parangolés de Hélio Oiticica, usados por passistas da Mangueira na performance da inauguração, os "conversíveis" de Gastão Manoel Henrique ou os trabalhos "popcretos" de Waldemar Cordeiro, as novas pinturas de Ivan Serpa não podem ser facilmente incluídas na categoria excessivamente elástica da Nova Figuração. Mas a mostra parece ter uma função liberadora, contrária à hegemonia da abstração, além de trazer a postulação de um enfrentamento direto da realidade política e social do país, traduzida no título em homenagem ao famoso show de oposição ao regime militar (com músicas de Zé

---

[52] Jaime Maurício, Os soturnos e elegantes espectros de Serpa. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 27 de março de 1965.

[53] Citado no catálogo da mostra **Opinião 65.** Rio de Janeiro, Galeria de Arte Banerj, 1985. (Ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro).

instituto de arte contemporânea

Kéti e João do Vale, direção de Augusto Boal e texto de Armando Costa, Oduvaldo Viana Filho e Paulo Pontes).

Como sempre, Serpa não deixa de exercer sua crítica. Posiciona-se favoravelmente aos parangolés de Oiticica e contra a atitude repressora da direção do Museu de Arte Moderna, mais preocupada em resguardar as pessoas da elite que estavam na vernissage do que abrir a instituição para o povo. Mas não deixa de dizer que "não é uma grande exposição", pois feita às pressas e sem o devido cuidado, além de constatar que "a arte brasileira está decadente", devido à falta de apoio do governo e ao "comércio vulgar" ao qual se submetem os artistas. E prefere falar de seu trabalho e da sua preocupação atual de conjugar o mundo super-fabuloso ao deprimente, para "demonstrar uma fase de precisão e, do outro lado, mostrar a dramaticidade da vida".[54]

O ano de 1965 é particularmente profícuo em termos de ocasiões de divulgação de seus novos trabalhos. Começa com uma retrospectiva, inaugurada em março, reunindo 100 pinturas e desenhos no Museu de Arte Moderna do Rio e fecha com uma mostra individual do Museu de Arte Contemporânea da USP, em colaboração com o Museu de Arte de São Paulo, apresentando desenhos e guaches das séries Bichos, Mulheres e bichos, Crepuscular. Também neste ano realiza mostras individuais no Museu de Arte de Belo Horizonte, na Galeria Relevo, no Rio, e na Galeria Stiebel em Paris. Integra diversas coletivas de pinturas e gravuras com destaque para o III Resumo de Arte Jornal do Brasil, no Museu de Arte Moderna no Rio, e a VIII Bienal de São Paulo; além de expor suas obras recentes em mostras internacionais nos Estados Unidos, em Portugal e na Áustria.

Em 1966, seleciona para enviar à Bienal de Córdoba cinco obras nas quais predominam os contrastes de vermelho, verde e amarelo, numa pintura com tinta vinil, conjugando elementos geométricos e figuras. Nesse mesmo ano, participa da mostra coletiva Super Mercado 66, reunindo 90 pintores, na Galeria Relevo no Rio, cujo convite era impresso num pequeno saco de compras de papel. E integra as exposições IV Resumo de Arte Jornal do Brasil e Opinião 66, no MAM carioca, o XV Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio, a II Exposição Circulante de Obras do Acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - Meio século de arte nova, em São Paulo, a

---

[54] Claudir Chaves, Ivan Serpa opinou sobre Opinião 65. **Diário Carioca.** Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1965.

instituto de arte contemporânea

III Bienal Americana de Arte, em Córdoba e Buenos Aires, outras duas coletivas de artistas brasileiros na América Latina, a *Brasilianische kunst heute*, em Bonn, diversas coletivas em galerias cariocas, além de ser homenageado com Sala Especial na I Bienal Nacional de Artes Plásticas, em Salvador, cidade na qual realiza uma mostra individual de desenho e pintura na Galeria Convivium.

A passagem pela capital baiana o entusiasma. A alguns jornalistas admite ter gostado tanto de Salvador que poderia se mudar para lá sem problemas. Informa-se sobre as manifestações recentes da arte, mas deixa-se impressionar, acima de tudo, com os museus de arte popular e sacra, com as igrejas e a arquitetura antiga, com as cores da natureza da Bahia. Compreende as escolas atuais e as obras de arte antiga como parte de um mesmo patrimônio cultural da humanidade, que deve ser apropriado pelo artista brasileiro de maneira peculiar. Preocupa-se igualmente com a descentralização da vida artística no país, que entende como central para o desenvolvimento criativo brasileiro.

Enquanto na mostra individual apresenta desenhos e pinturas, para a Bienal da Bahia envia alguns de seus novos objetos. Suas experiências com a tridimensionalidade e com o múltiplo são curiosas. É claro que Serpa não pode, dentro dos limites de sua concepção poética de arte, abrir mão da valorização do artesanato e da obra única. A sua crítica à noção aurática do artista passa pela concepção do trabalho artístico como ofício. Por isso procura individualizar cada um de seus objetos, pintando-os diferentemente. E afirma: "O múltiplo não me atrai tanto. Fico com a forma única que, essa sim, se multiplica. Única, se multiplicando, sem ser necessariamente igual".[55] Preservar a unicidade é também a ação central de outras obras suas do período, como interferências em fotografias, cartazes e convites de exposições. O grafismo obsessivo, as linhas pacientemente traçadas sobre o campo da reprodução fotográfica colocam o artesanato numa posição, ao mesmo tempo, central e secundária. A memória da imagem anterior, reproduzida em técnica mais recente, cria um espaço de tempo preenchido com o fazer experiente e caprichoso do artesão. O novo surge como o arcaico; o artesanato atualiza e individualiza a reprodução mecânica.

Na mesma época, também começa a se interessar pela arte ótica (op), que reconhece na fotografia de um velho mosaico do calçamento da praça São Sebastião, em Manaus, da época da riqueza da borracha. Reencontrar a geometria de seus trabalhos iniciais ou a

---

[55] Serpa em múltipla experiência. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1972.

instituto de arte contemporânea

experiência formal pretérita do homem tem para ele o mesmo sentido: "Nunca há nada de realmente novo. O novo é algo do passado que foi escolhido outra vez. O que existe sempre é uma retomada de posição".[56] Os trabalhos de Serpa parecem querer lidar basicamente com a superação de dicotomias. Ora relacionam geometria e figuração, ora conjugam as experiências divergentes do ótico e do erótico, ora apresentam novidades como retomadas de princípios anteriores.

Para a célebre exposição Nova Objetividade Brasileira, organizada por Hélio Oiticica, em 1967, Serpa envia construções tridimensionais. Mais uma vez, os seus trabalhos se integram com algum desconforto ao panorama geral da mostra, subdividida em propostas vivenciais e ambientais (Lygia Clark e Hélio Oiticica), pop (Dias, Gerchman, Vergara, Glauco Rodrigues, entre outros) ou com implicações críticas e sociais (Carlos Zílio). Ainda que partilhe a preocupação com a "chegada ao objeto", entendida como "ressurgimento de um interesse pelas coisas, pelo ambiente, pelos problemas humanos, pela vida em última análise", as esculturas e assemblages de Serpa parecem possuir algo do esteticismo combatido por Oiticica em seu texto para o catálogo da mostra, Esquema Geral da Nova Objetividade.[57] De qualquer forma, a preocupação com a definição de uma arte brasileira e com a participação ativa do público, que leva Oiticica a criar a sua Tropicália – chamado por Haroldo de Campos de museu crítico do trópico –, não está ausente em Ivan Serpa.

Em sua crítica à vanguarda, Serpa envolve-se basicamente com as formas de culturalização de sua arte. Sabe da importância da crítica e do mercado, ainda que admita alguns equívocos e excessos na prática de críticos e *marchands*, mas quer construir relações mais diretas entre o público e sua obra. Não deixa de participar de exposições oficiais ou em instituições tradicionais – como o 24º Salão Paranaense de Belas Artes de Curitiba, ou a coletiva Tendência de Pintores Brasileiros Contemporâneos, no Museu Nacional de Belas Artes, ambas em 1967 – mas também faz questão de integrar mostra organizada pelos alunos da Escola de Belas Artes da antiga Universidade do Brasil (atual UFRJ). As ocasiões de expor seus trabalhos, entretanto, começam a escassear.

---

[56] O artista e seu estúdio – Ivan Serpa. **O Globo.** Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966.
[57] Hélio Oiticica. Esquema Geral da Nova Objetividade. **Nova Objetividade Brasileira.** Catálogo da Exposição realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1967.

instituto de arte contemporânea

O artista se concentra, sobretudo, na atividade didática e no trabalho de ateliê, onde continua recebendo alunos, artistas, críticos, colecionadores e amigos. Entre eles está Darcílio Lima, doente psiquiátrico indicado por Nise da Silveira, que recebe do pintor e de sua mulher apoio generoso. Serpa gosta de incentivar os artistas jovens, ajudando-os a realizar exposições ou vender seus primeiros trabalhos, como fez com Antonio Manuel. Acredita no poder da juventude, na sua abertura irrestrita para o atual e em sua falta de preconceitos. Apóia também a arte de crianças e de pintores ingênuos, como a sua aluna Grauben, que começa a pintar já setuagenária e que alcança rápido sucesso de crítica. Em setembro de 1967, ao refletir sobre os seus 20 anos de dedicação às artes, ergue a simplicidade como um valor central do trabalho plástico e da afirmação de uma arte brasileira: "Cabe pesquisar a fundo o que nós temos e isto é duro, árduo, mas alguém tem que começar. Tem que procurar os elementos da terra, viver naturalmente, sentir para fazer arte e daí, conseqüentemente, estaremos fazendo arte brasileira".[58]

1968-1973: Lírica negativa

Em 1968, Serpa dedica-se a pesquisas várias, com destaque para os trabalhos op-eróticos e as séries Amazônia e Mangueira. Estas últimas retomam uma pintura construtiva, agora aliada a um certo lirismo que percebe, lucidamente, como elemento tipicamente brasileiro. A apresentação dessas duas tendências de investigação plástica na Galeria Bonino, em agosto, mostra como o artista não percebe contradição entre elas. De um lado, a recuperação da geometria agora não mais estrutural, e sim resultado empírico de uma composição que parte da periferia para o centro do quadro, valendo-se da vibração de tonalidades de verde, rosa, azul, numa pintura rala, transparente. De outro, o grafismo virtuoso e obsessivo que lembra a relação íntima entre *voyeurismo* e experiências óticas. Em ambas, o procedimento comum de abstração a partir da natureza, domando a fúria selvagem da Floresta, do Carnaval ou da volúpia sexual pela conciliação de severidade construtiva e certa lírica ou sensibilidade genuína e culturalmente impregnante.

Na crítica que faz à mostra da Galeria Bonino, Vera Pedrosa admite nas duas séries expostas o diálogo com o barroco brasileiro, na forma do "geometrismo barroco" dos

[58] Arte Plástica: Artista diz de sua experiência. **Diário do Paraná.** Curitiba, 22 de setembro de 1967.

instituto de arte contemporânea

trabalhos amazônicos, ou do "barroco distanciado e frio" dos desenhos op-eróticos.[59] A relação com a arte barroca, que muitos críticos e artistas identificavam como tipicamente brasileira, não é novidade em Serpa. Há tempos, Ferreira Gullar qualificara seu trabalho de colagem como "mundo quase barroco". Mas torna-se, paulatinamente, mais consciente, sobretudo nas experiências recentes com os "objetos-surpresa".

Serpa encontra na arte colonial brasileira, antes de formas às quais se remeter, uma certa relação entre arte e cultura perdida na modernidade. O barroco de igrejas, casas e mobiliário fala de uma arte imediatamente integrada na vida social e parece oferecer o modelo de uma relação direta do público com a obra. Daí a sua pesquisa com os "objetos-surpresa" ter conciliado a interferência em móveis antigos com a tendência ambiental contemporânea. Nunca realizada, por falta de recursos e de tempo, a exposição desses objetos seria uma espécie pioneira de instalação performática. Arcas, camas, armários, cômodas, oratórios seriam dispostos num ambiente, ao som de ruídos estridentes arranjados por Ricardo Getti. O ambiente seria fotografado por Sebastião Barbosa, num livro que convidaria de novo à participação. As formas brancas do interior das arcas e baús, as letras penduradas em desordem, a colcha sobre a cama, os espelhos dentro dos móveis e no ambiente – tudo contribuiria para uma vivência labiríntica e erótica (tal como nos seus desenhos).

Evidentemente, nesse projeto Serpa está lidando com a questão contemporânea da participação ativa do espectador, cerne do interesse das obras chamadas, na época, de ambientais. As duas arcas já realizadas, jamais postas à venda, que restam em sua casa, pouco falam, hoje, da proposta inicial, que busca valer-se de "materiais diferentes, em conjugação, criando afinidade que não existe na origem, mas que será dada pelo ambiente", ocupando "uma casa inteira".[60] Ciente da dificuldade material de realizar essa obra, Ivan brinca, dizendo que teria que vender uns apartamentos, e que levaria uns três a quatro anos para conseguir acabá-la. Mas não se afoba: "Vou fazendo os objetos, móveis lúdicos, sem pressa, sem pressão".[61] Manter esse projeto em aberto significa, para um pintor como ele, sustentar o enfrentamento da questão maior: a crise da pintura de cavalete.

---

[59] Vera Pedrosa. Serpa em faze amazônica. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1968.
[60] Serpa em múltipla experiência. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1972.
[61] Idem.

instituto de arte contemporânea

Crise esta que envolve não apenas a busca de novas estratégias criativas, como igualmente a abertura de outras possibilidades de comunicação com o público. No mesmo período, Serpa realiza serigrafias, que coloca à venda, em setembro de 1968, na I Feira de Arte do Rio de Janeiro, no Museu de Arte Moderna, organizada por Mário Pedrosa. Ao som da Banda de Ipanema, o stand do artista é um dos mais procurados. Ele, que já havia participado antes dos bazares de Natal do MAM, vendendo cinzeiros, cartões, desenhos e pinturas decorativas, encontra na reprodução serigráfica uma forma de democratizar o acesso à arte. Objetivo também presente nas Exposições Coletivas de Pintura, organizadas por Ana Rosa Haiat, das quais participa, entre 1968 e 1971. Montadas em várias cidades do Estado do Rio e no Piauí, essas mostras reuniam vários artistas, como Djanira, Iberê Camargo, Bianco, Januário, Marcier, Scliar, entre outros, sendo apresentadas por críticos e literatos como Walmir Ayala, J. G. de Araújo Jorge, Fernando Foch, na tentativa de divulgar a arte brasileira. Em outras mostras de 1968, Ivan Serpa apresenta-se junto a Gerschman (Salão de Pintura no VIII Festival Nacional de Arte na Cidade de Cáli, Colômbia), Iberê Camargo e Djanira (Exposição 3 artistas no Copa, na galeria do Hotel Copacabana Palace), buscando estreitar vínculos e diálogos com artistas nacionais.

Democratizar a arte tinha, para Serpa, elevado sentido político. Ainda que sustentasse críticas à pintura social – afirmando que "não é mostrando um mendigo que se soluciona o problema da pobreza"[62] – acredita basicamente no papel transformador da arte. Sua militância artística envolve a doação de obras para leilões beneficentes – como o das vítimas do rompimento da barreira de Orós (1960) ou para a construção do Hospital Albert Einstein (1961 e 1963) – e instituições artísticas, entre elas o Museu de Jerusalém, para o qual oferece uma de suas Cabeças, autografada e assinada em português e hebraico (1966). Requer, igualmente, a participação ativa em comissões julgadoras de concursos artísticos – seja na Comissão Nacional de Belas Artes (1969 a 1972), seja em júris específicos, como o da logomarca da Varig (1962) ou o de esculturas na areia, no Rio (1965) – e em eventos culturais variados, para os quais cede ou empresta trabalhos – caso do filme Chico Fumaça, de Mazzaropi (1958), da premiação de artistas de Teleteatro (1963) ou da peça As duas faces da moeda, de Domingos de Oliveira (1969), na qual uma de suas obras é reproduzida no cenário. Significa, ainda, posicionar-se através de manifestos – em favor de Benjamin

[62] Arte Plástica: artista diz de sua experiência. Op.cit.

instituto de arte contemporânea

Peret, escritor francês preso no Brasil em 1956, ou defendendo as críticas de Quirino Campofiorito contra o Salão, em 1969 – ou gestos públicos como a desistência da homenagem de uma Sala Especial na Bienal de São Paulo, de 1969.

Engajamento que, acima de tudo, se manifesta em suas pesquisas plásticas e nas aulas que dá em casa, no MAM e no recém fundado Centro de Pesquisa em Arte, definido por ele e por seu sócio Bruno Tausz como uma faculdade sem currículo, sem alunos e sem professores, na qual todos são artistas. Entre 1969 e 1970, faz poucas exposições, com destaque para o VII Resumo de Arte Jornal do Brasil, e a *Power Bequest Exhibition – 1970*, na Watter Gallery, na Austrália. Em 1971, participa de algumas mostras de caráter histórico, como A Grande Década – Abstracionismo brasileiro: algumas obras dos anos 1955-65, na Galeria Barcinski, e Arte Moderna nos Salões Oficiais, no Museu Nacional de Belas Artes, ambas no Rio de Janeiro, além de participar do XX Salão Nacional de Arte Moderna. Neste mesmo ano, realiza uma retrospectiva de desenhos no Museu de Arte Moderna carioca, comemorativa dos seus 25 anos de carreira. Na realidade, Serpa rejeita o epíteto "retrospectiva", por se tratar da exibição de trabalhos jamais exibidos.

Mostrar esses desenhos inéditos parece ter sentido especial dentro da trajetória do artista. Por um lado, coloca numa seriação histórica as suas inúmeras fases, ordenando discursivamente o emaranhado de possibilidades simultâneas que caracteriza sua prática. De outro, selecionar apenas desenhos, muitos dos quais executados como estudos ou projetos, implica em perceber nessa anterioridade a motivação recente de sua arte. Nesse futuro anterior a atualidade conquista sua duração. Sintomaticamente, o crítico e amigo Jayme Maurício percebe na revelação do "segredo" de 25 anos, uma possível epifania: "Talvez seja uma exposição de despedida do eterno *enfant terrible* da geração do 50."[63] Celina Luz, por sua vez, espanta-se com a visão de sua anti-biografia – uma espécie de currículo cuidadosamente riscado, na vertente de seus anti-livros – e anota a crítica ruidosa de Serpa à especialidade do artista: "Não existe a aura. Faço tudo o que os outros fazem, só que também pinto. Vou a futebol, brinco com meus filhos. Acho que se deve tirar essa aura de artista, de ser intocável. Não é nada intocável, é um homem como outro qualquer. Nada

[63] Jayme Maurício. O segredo de 25 anos exposto no MAM. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1971.

instituto de arte contemporânea

de eleito, porque então vem o vedetismo e aí acho que é nojento. Não acredito em estalo, só acredito em trabalho".[64]

A forma histórica, retrospectiva, traz o risco da mistificação, que Serpa precisa combater ardentemente. No lugar de sentir-se no direito de fruir alguns privilégios, advindos com a extensa e produtiva carreira, retoma a negatividade crítica como valor essencial da arte. Sua mostra no MAM leva-o a concluir que "agora, o desenho acabou"[65], voltando seu interesse para outras experiências artísticas. Em 1972 realiza uma exposição no espaço Grupo B, de Rubem Braitner, na rua das Palmeiras, em Botafogo, com Lygia Pape e Antonio Manuel, na qual apresenta 30 trabalhos de autoria coletiva, cada um criando em cima do trabalho dos outros. Serigrafias da série Homenagem a Volpi ganham interferências dos demais artistas, assim como gravuras destes ganham desenhos eróticos de Serpa. Trabalhos que incidem diretamente sobre a idéia tradicional, formulada desde o Romantismo, de criação única de um artista genial.

Em entrevista concedida à Lygia Pape, em setembro de 1972, a mesma crítica é renovada, voltando-se contra a idéia de vanguarda e, especialmente, contra o próprio discurso histórico: "suprimi essa história de biografia, acho chatíssimo. Posso fazer uma porcaria e não é meu passado que vai justificar meu presente. Biografia, já era".[66] Serpa elege como valores centrais a juventude (entendida como energia artística, percebida nos 75 anos do Volpi) e a independência, defendendo uma alternativa ideal ao esquema de mercado, prêmios, salões, bienais e exposições sensacionalistas: um ateliê grande, no qual o artista desenvolveria o seu trabalho "e as pessoas interessadas em arte iriam até lá, no seu habitat."[67] Desde há muito Serpa havia transformado seu ateliê nesse lugar de encontro. Em 1972, trabalha em média 18 horas por dia e pensa em adquirir um ateliê maior, talvez em Botafogo.

A visita a seu ateliê torna-se um acontecimento cultural de destaque no cenário carioca, como lembra o colecionador Alfredo Souto Maior: "Um dia vi que no meu calendário estava a visita dominical ao ateliê da rua Juruviara, para curtir aquela cada vez

---

[64] Celina Luz. O interesse no momento. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1971.
[65] Idem.
[66] Lygia Pape. Entrevista com Ivan Serpa. Participação de Ascânio MMM e Antonio Manuel. *In:* Ferreira Gullar (org.) **Arte brasileira hoje.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973, p.178.
[67] Idem, p.180.

instituto de arte contemporânea

mais criativa e sempre renovada organização cultural que era Ivan".[68] E não foram poucos os que freqüentaram a sua casa no Méier, incluindo críticos como Roberto Pontual, Mário Barata, Frederico Morais, Ferreira Gullar, Marc Berkowitz, Jayme Maurício, Clarival do Prado Valladares, Hélio Pellegrino, José Roberto Teixeira Leite, Harry Laus, ou artistas (amigos ou alunos) como Lygia Pape, Djanira, Aluísio Carvão, Hélio e César Oiticica, Franz Weissmann, Augusto Rodrigues, Antonio Manuel, Waltércio Caldas, entre tantos outros. Além disso, o seu ateliê foi palco de visitas de inúmeros colecionadores e diretores de instituições brasileiras e internacionais, em busca de suas obras.

Semelhante fusão de intimidade e publicidade está presente nas obras do início dos anos 1970. Na série Geomântica, por exemplo, a composição das telas obedece a desenho previamente definido pela geomancia. A pintura deixa de ser o meio da criação plástica por excelência, para ser uma espécie de reprocessamento de realidades já dadas. A artesania refinada, a estrutura geométrica simplificada, a escala grandiosa, a pré-marcação de círculos e quadrados, a uniformidade ou a variação calculada das cores, apenas enfatizam a forma pronta. Por outro lado, em pinturas e serigrafias deste período, Serpa combina a simplicidade geométrica com o emprego do dourado e do prateado. São obras que despacham a visada mais psicológica e intimista em favor da participação de um sujeito anônimo, universal, e de um alcance público. Esses trabalhos finais contribuem para dar uma nota de incompletude à toda a sua obra. Como se mostrassem que o projeto do artista depende de uma certa recepção, de um certo entendimento público que, infelizmente, não acontece como esperado.

Se ele mesmo percebe, na sua já remota viagem à Europa, que o concretismo, com suas proposições de integração social, não se adequava ao ambiente brasileiro, poderíamos concluir que, ao final da vida, essas obras geométricas nada seriam além de um deslocado resquício nostálgico. Contudo, são bem mais do que isso. Significam a compreensão mais elevada do seu antidestino: o uso de formas prévias da geomancia ou cores metálicas expulsa o sujeito (criador e espectador) para fora do quadro. É aí, nesse espaço exterior, na concretude da vida real e comum, na existência cultural da arte, que devemos apreciar não apenas estas, mas toda a obra de Ivan Serpa. Pois só a subtração da intimidade permite a construção de uma comunidade intersubjetiva; apenas assim a pintura pode recobrar o seu

---

[68] **Serpa em três coleções**. Catálogo da exposição realizada na Galeria Klee, Rio de Janeiro, 1987.

instituto de arte contemporânea

valor como experiência transcendental. Uma transcendência estranhamente negativa, como explica o próprio artista: "quando você olha para um círculo, um quadrado ou uma linha, você não tem uma reação emocional (...) Então meu pensamento é que, com elementos que não significam nada, não querem dizer nada, a pessoa sinta uma espécie de mistério da forma".[69]

Serpa não tem tempo de levar essas experiências adiante. Em 19 de abril de 1973 morre num leito de hospital. A doença cardíaca complica-se com um derrame cerebral e dois enfartes. Nos feriados da Semana Santa, o artista é enterrado sob a bandeira do Flamengo. Ao enterro, concorrido, comparecem artistas como Iberê Camargo, Lygia Pape, Abraham Palatnik, Aluísio Carvão, Ivan Freitas, entre tantos outros, além dos tios que o criaram, a esposa e os três filhos. Foi Leila, sua filha, quem parece ter compreendido melhor o quanto aquela morte se integrava às buscas plásticas do pai. Com 18 anos, à época, retira do bolso um papel e lê as palavras que escreveu: "agora que você já conhece o absoluto. Agora que você já conhece o nada. Agora que você desvendou o mistério. Agora sim, você está conosco".[70]

1973-2003: Inconclusão

A morte de Serpa ganha as folhas dos principais jornais do Rio e de São Paulo. Prematura, sem dúvida, ainda que adiada por meio século. A concentração dos esforços da viúva Lygia e de Roberto Pontual leva à realização de uma grande mostra retrospectiva, em 1974. Sobre a qual o jovem crítico Ronaldo Brito escreve: "Um espectador ideal que, por acaso, percorresse os salões do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sem conhecimento prévio do que estava ali ocorrendo, poderia muito bem pensar que aquela era uma excelente coletiva, composta exclusivamente de bons artistas. Não seria fácil, talvez, convencê-lo que os numerosos trabalhos das mais diversas tendências que estavam à sua frente eram obra de um único artista".[71] A unidade de sua obra, antes garantida pela presença ativa do artista e por seu compromisso ético e estético com a atualidade, requer, para sua legibilidade, o entendimento profundo da diversidade como objetivo central do

---

[69] Lygia Pape, Entrevista com Ivan Serpa. Op.cit., p.177.
[70] Citado em Ivan Serpa teve adeus dos amigos que não entenderam o grande absurdo da morte. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 21 de abril de 1973.
[71] Ronaldo Brito. Op.cit.

instituto de arte contemporânea

"projeto geral do artista", nas palavras do mesmo crítico. Fato que se complica com a ausência de instituições artísticas que tomem para si esta tarefa e com a paulatina saída das obras de Serpa do mercado. Sem essas instâncias responsáveis pela circulação cultural de seus trabalhos, o artista vai se tornando mais e mais desconhecido.

Não que suas obras deixem de integrar mostras várias, devido talvez à multiplicidade dos diálogos possíveis com outros artistas. Nos anos 1970, participa de mostras coletivas e individuais em galerias particulares, além da Bienal de São Paulo de 1979. Nas décadas de 1980 e 1990, aparece em várias mostras de caráter histórico, com destaque para a série de exposições organizadas pela FUNARTE sobre arte no Rio de Janeiro (1984 e 1985) e no Brasil (1986), *Modernidade: Arte Brasileira do século XX*, montada em Paris (1988), *Abstração: efeito Bienal 1954-1963*, na Bienal de São Paulo de 1989, *Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (1998) e *Quando o Brasil era moderno 1905-1955*, no Paço Imperial (Rio, 2000). A voga da pintura chamada neo-expressionista dos anos 1980 leva à valorização de sua obra figurativa, que aparece na mostra especial Expressionismo no Brasil – Heranças e afinidades da Bienal de São Paulo de 1985, e na coletiva *Nova figuração Rio/Buenos Aires*, organizada pelo MAM do Rio (1987).

Em 1993, com curadoria de Reynaldo Roels, é realizada uma grande mostra retrospectiva no Centro Cultural Banco do Brasil, que desperta a curiosidade do público, há tanto tempo afastado dos trabalhos de Serpa. O interesse renovado faz com que trabalhos seus façam parte de várias mostras coletivas temáticas como *Emblemas do corpo* (CCBB, Rio, 1989), *Grito* (Museu Nacional de Belas Artes, 1996), *Aquarela brasileira* (Centro Cultural Light, Rio, 2001) e *Trajetória da luz na arte brasileira* (Itaú Cultural, São Paulo, 2001). Em 2002, Ivan Serpa retorna ao Museu de Arte Moderna do Rio que ajudou a fundar e construir, comparecendo em duas grandes exposições: a Sala Especial: Violência e Paixão na *Mostra Rio Arte Contemporânea 1* e *Paralelos: Arte Brasileira da segunda metade do século XX em contexto*, que apresentava a Coleção Cisneros, anteriormente exibida em São Paulo. Estar nesta coleção possibilita a circulação internacional de seus trabalhos concretistas, muitas vezes incluídos na categoria tão em moda atualmente de "arte latino-americana".

instituto de arte contemporânea

A expansão dos cursos de arte no Brasil, incluindo a criação e o desenvolvimento de graduações e pós-graduações, dando origem à nova demanda de estudos críticos e históricos, leva algumas pesquisas a investigar a obra de Serpa, com destaque para a dissertação de Hélio Márcio Dias Ferreira, já publicada em livro. Mas tudo isso ainda é pouco. Pouco para um artista que se entregou a seu antidestino, desempenhando com honestidade e convicção o importante papel de divulgador e estudioso da arte contemporânea internacional no Brasil. Pouco para alguém que compreendeu que o desenvolvimento de seu estilo era um contínuo sacrifício da personalidade. Pouco para uma obra que, apesar de almejar a diversidade, requisita a legibilidade de sua unidade como projeto. Pouco para o empenho heróico e solitário de Lygia Serpa, responsável pela conservação de seu ateliê, arquivo, biblioteca e acerco artístico. Pouco, enfim, para nós, espectadores, impedidos de fruir esse labirinto criativo, essa liberdade de movimentos que foi a biografia artística de Ivan Serpa.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Cronologia

1923 – Nasce em 6 de abril, no Rio de Janeiro, Tijuca.

1945 – Realiza seus primeiros trabalhos, sob a influência da Escola de Paris. Durante a guerra, trabalha como voluntário no Comitê da França Livre no Brasil, onde conhece o escritor francês Georges Bernanos.

1946-48 – Estuda com o gravador austríaco Axel Leskochek.

1947 – Trabalha como professor de francês na Escola Wladimir Matta, na Tijuca, e monta escolinha de arte em casa.

Exposição da Colméia de pintores do Brasil. I Exposição do Curso de Pintura ao ar livre de Levino Fanzeres. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, 3 a 17 de maio.

Exposição Ação Cultural Castro Alves, abril.

LII Salão Nacional de Belas Artes – Seção Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde. Recebe Medalha de bronze em pintura.

1948 –VIII Salão Fluminense de Belas Artes. Niterói, Associação Fluminense de Belas Artes.

LIII Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde. Recebe Menção Honrosa em desenho e Medalha de Bronze em pintura.

Em 1948 e 1949, faz ilustrações para a revista Esfera, do Rio de Janeiro.

1949 –I Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro, Salão de Exposições do Ministério da Educação e Saúde. Recebe Menção com louvor em desenho e Prêmio Distrito Federal em Pintura.

LIV Salão Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde.

Junto a Almir Mavignier e Abraham Palatnik, sob a influência do crítico Mário Pedrosa, cria o primeiro grupo de artistas abstratos do Rio de Janeiro.

1950 – Inicia trabalho como restaurador da Biblioteca Nacional, no qual permanece até 1964, quando é aposentado compulsoriamente, devido à contaminação com produtos químicos.

LV Salão Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde.

É membro do júri do II Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro, Salão Assírio do Theatro Municipal, junho.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Cronologia

1951 – LVI Salão Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde.

III Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro, Salão Assírio do Theatro Municipal, julho.

Primeira individual: Ivan Serpa – Exposição de pinturas e desenhos, Rio de Janeiro, Galeria IBEU, julho-agosto.

Exposição individual Ivan Serpa, no Museu de Arte Moderna de Resende, setembro.

I Bienal de São Paulo. Recebe Prêmio Pintor Jovem Nacional com "Formas", 1951, óleo/tela, 97 x 130 cm (Coleção MAC/USP).

I Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo, Galeria Prestes Maia, novembro-dezembro.

Recebe as encomendas dos painéis da Caixa Econômica Federal (Edifício Marques do Herval) e da KLM.

1952 – Cria o primeiro curso de arte do Museu de Arte Moderna do Rio, ainda na sede provisória no pilotis do Ministério da Educação e Saúde.

XXVI Bienal de Veneza

I Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde.

IV Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro, Salão Assírio do Theatro Municipal, junho.

O Museu de Arte Moderna do Rio realiza em Paris mostra com trabalhos de crianças alunas de Serpa.

1953 – I Exposição de Arte Abstrata. Petrópolis, Hotel Quitandinha, fevereiro.

Exposição na Galeria IBEU, Rio de Janeiro, julho.

Exposição individual no Saguão do Teatro de Bolso, Rio de Janeiro, agosto.

Exposição Ivan Serpa e Lygia Clark, São Luiz, Biblioteca Municipal.

Feira Internacional de Lausanne, Suíça.

Exposição-leilão em benefício dos sofredores com a seca do Nordeste. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde.

II Bienal de São Paulo. Recebe Prêmio de aquisição Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Cronologia

1954 – Cria e lidera o Grupo Frente, reunindo alguns de seus alunos, que atua intensamente entre 1954 e1956.

Exposição brasileira na X Conferência Interamericana de Caracas.

XXVII Bienal de Veneza.

I Exposição do Grupo Frente. Rio de Janeiro, Galeria IBEU (rua Senador vergueiro, 103) – Carvão, Carlos Val, Décio Vieira, Ivan Serpa, João José da Silva Costa, Lygia Clark, Lygia Pape, Vincent Iberson.

Exposição "Ivan Serpa – collage and paintings", Galeria Pan American Union, em Washington, agosto-setembro.

Publica o livro **Crescimento e Criação**, com texto de Mário Pedrosa trabalhos de seus alunos, sobre a arte infantil.

Mostra de Pittura Brasiliana Contemporânea. Roma, Galleria Nazionale d'Arte Moderna, novembro-dezembro. Apresentação de Palma Bucarelli.

Seus alunos voltam a expor na Art of Brazilian Children, Pan American Union, Washington, dezembro/54 – janeiro/55.

Arte Contemporânea. Exposição do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1954-1955.

Exposição de arte infantil dos alunos de Ivan Serpa em Ponte Nova, Minas Gerais.

1955 – Integra a Exposição permanente Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Exposição *Artistes brésiliens: exposition présente par le Musée d'Art Moderne de Rio de Janeiro et le Musée d'Art Moderne de São Paulo.* Paris, Galeria Mirador, maio-junho.

II Mostra Coletiva do Grupo Frente, MAM-RJ, julho de 1955, apresentada por Mário Pedrosa.

IV Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Recebe Certificado Isenção do Júri.

Exposição IX Prêmio Lissone Internazionale per la pittura, Lissone, Itália.

International Art Exhibition, Tóquio.

III Bienal Hispano-Americana de Arte, Barcelona.

Coletiva de artistas modernos em benefício da Revista Forma. Rio, Galeria Forma, setembro.

instituto de arte contemporânea

III Bienal de São Paulo. Recebe Prêmios aquisição, Santista e UNESCO (reprodução da colagem Construção 75).

Arts primitifs et modernes brésiliens. Musée d'Ethnographie de Neuchâtel, 19 de novembro de 1955 a 20 de fevereiro de 1956.

I Exposição de Arte Brasileira Contemporânea. Porto Alegre, Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

1956 – III Exposição do Grupo Frente, Itatiaia Country Club, Resende, março.

IV Exposição do grupo Frente, Companhia Siderúrgica Nacional, Volta Redonda junho.

V Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Recebe Certificado Isenção do Júri.

Exposição Pintura Brasileña contemporánea. Montevidéu, Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño (organização do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro).

Coletiva na Petite Galerie, Rio, outubro.

I Exposição Nacional de Arte Concreta, São Paulo (Museu de Arte Moderna, dezembro de 1956), Rio de Janeiro (Ministério da Educação e Cultura, janeiro de 1957). Essa mostra, que abre a polêmica entre grupos do Rio e de São Paulo, é acompanhada de conferências de Mário Pedrosa, Décio Pignatari, Waldemar Cordeiro, Oliveira Bastos, Volpi, Wollner, Ferreira Gullar.

Faz a capa do livro de F. dos Santos Trigueiros, *Museus: sua importância na educação do povo,* editado no Rio pelos Irmãos Pongetti.

1957 – Individual (colagens) na Galeria Tenreiro, Rio de Janeiro, junho.

Arte Moderno en Brasil. Buenos Aires, Museo Nacional de Bellas Artes, 25 de junho a 28 de julho. Mostra organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com colaboração do Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires, que segue para Santiago, Montevidéu e Lima.

VI Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1957 Recebe o prêmio de viagem ao estrangeiro.

Exposição de arte infantil dos alunos de Serpa, comemorando 10 anos de atividade como professor, na Petite Galerie, Rio, julho.

IV Bienal de São Paulo.

instituto de arte contemporânea

Exposição na Rolland Gallery, New York, novembro.

Exposição coletiva na Semana de Arte de Vitória, Espírito Santo, novembro.

Faz um painel para a Caixa Econômica, no Edifício Marques do Herval, Rio, e planeja um mural para projeto arquitetônico de Francisco Bolonha para o Retiro dos Artistas em Campo Grande, Rio, não realizado.

Realiza, em 1957 e 1958, uma série de capas de livros para o Ministério da Educação e Cultura e para a editora José Olympio.

Participa de debate sobre a Escola de Ulm, realizado no ateliê de Darel.

1958 – Exposição na Galeria GEA, Rio de Janeiro, março de 1958.

Serpa viaja para a Europa, visitando diversos países, como Espanha, Itália, Alemanha, França, Portugal, Holanda, Suíça.

Exposição de guaches no Museu de Arte Contemporânea de Madri.

Publica o livro-objeto Ivan Serpa, com 31 páginas desdobradas, com edição de Enric Torno, Barcelona.

1959 – Ilustra e programa visualmente o livro de João Cabral de Mello Neto, "Quaderna", editado em Lisboa, por Livros de Portugal, em 1960.

De volta ao Brasil, passa meses sem pintar. Suas pesquisas artísticas apontam para o informalismo e para a crítica à arte concreta.

I Exposição de Arte Neoconcreta – Museu de Arte Moderna, Rio, e Belvedere da Sé, Salvador.

Austellung Brasilianischer Künstler. Viena, *Akademie der Bildenden Künste*, setembro-outubro. Esta exposição, organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio esteve antes na Alemanha e da Áustria segue para Holanda, Espanha, Portugal e França.

1960 – É premiado na I Bienal de Zurique.

IX Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura.

Coletiva – acervo da Galeria Bonino, Rio, julho.

L'Art moderne Brésilien. Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris, 2 a 30 de setembro de 1960. Trata-se da exposição organizada pelo MAM do Rio, que itinera pela Europa em 1959-60.

instituto de arte contemporânea

Alunos de Serpa participam da Exposição Internacional de Arte Infantil, em Toronto, setembro-outubro, e expõe no MAM do Rio em dezembro.

1961 – Serpa dá conferência no Clube dos Decoradores sobre Arte Infantil, com exposição de seus alunos, Rio de Janeiro, abril.

X Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Recebe prêmio aquisição.

Coletiva O Rosto e a Obra, Galeria IBEU, Rio de Janeiro.

Pinturas, desenhos e gravuras do Museu de Arte Moderna de São Paulo, MAM-SP.

Serpa participa do júri do concurso de pinturas para universitários, na Semana de Arte Contemporânea da PUC- Rio, agosto.

Participa de homenagem às gravadoras Anna Letycia e Edith Bering no Museu de Arte Moderna do Rio, 13 de setembro.

Ivan Serpa. Pintura. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, agosto-setembro.

Exposição do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio, setembro-outubro.

Coletiva organizada pelo MAM carioca em Santiago do Chile, outubro-dezembro.

VI Bienal de São Paulo. Recebe o prêmio ARDEA

Participa do Leilão de Arte em favor da construção do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, novembro.

Coletiva de guaches na Galeria IBEU, Rio, dezembro.

Exposição de arte infantil comemorando 10 anos de retrospectiva do curso de Ivan Serpa no MAM, dezembro.

Exposição de Presentes de Natal, MAM, Rio, dezembro.

1962 – New Art of Brazil. Walter Art Center, Minneapolis.

XXXI Bienal de Veneza.

XI Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura. Recebe prêmio de viagem ao país.

Serpa e Rubem Valentim são homenageados no Museu de Arte Moderna do Rio, pelos prêmios conquistados no Salão, junho.

Coletiva na Galeria Dezon, Rio de Janeiro, julho.

Coletiva Desenhos – Gravuras. Rio de Janeiro, Galeria Relevo, julho.

instituto de arte contemporânea

I Bienal Americana de Arte, Córdoba, Museo Provincial de Bellas Artes (junho-julho); Buenos Aires, Museo de Arte Moderno (agosto).

Exposição de artistas brasileiros, organizada pelo MAM do Rio para o Congresso Internacional de Parlamentares, em Brasília, outubro.

Serpa é membro dos júris de Concurso de Pintura Portinari, promovido pelo Correio da Manhã, e do concurso para a criação da logomarca da Varig, promovido pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil.

Bazar de Natal no Museu de Arte Moderna do Rio, dezembro.

1963 – Coletiva de Artistas Brasileiros. Roma, Galleria d'Arte della Casa do Brasil, 14 a 30 de janeiro. Expõem: Iberê Camargo, Lygia Clark, Marcelo Grassmann, Anna Letycia, Rossini Perez, Isabel Pons, Jackson Ribeiro, Gilvan Samico, Ivan Serpa, Rubem Valentim, Alfredo Volpi.

Individual na Galeria Tenreiro (agosto-/setembro) – inaugura em 15 de agosto.

O Museu Guggenheim de Nova York adquire tela de Serpa da fase Negra.

Quadro de Serpa é oferecido como prêmio a Maria Lúcia Cavasoli, por sua atuação como artista de Teleteatro, setembro.

VII Bienal de São Paulo.

Exposição coletiva do acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, novembro-dezembro.

Exposição de Arte do Século XX. Araraquara, Pavilhão da escola Industrial Professora Anne de Oliveira Ferraz, dezembro. Mostra organizada pelo MAC/USP.

Obra de Serpa é vendida no II Leilão de Arte Contemporânea em benefício do Hospital Albert Einstein.

1964 – Coletiva na Galeria Tenreiro, Rio, janeiro.

Brazilian Art Today. Londres, *Royal College of Art*.

Coletiva O Nu na Arte Contemporânea, Galeria IBEU, Rio de Janeiro.

Ivan Serpa – desenhos. Galeria Barcinski, Rio, agosto-setembro.

Individual na Galeria Tenreiro, Rio.

XXXII Bienal de Veneza.

Faz estamparia de tecido para a Rodhia.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Cronologia

1965 – *Salon Comparaisons*, Paris, *Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris*, 8 a 28 de março. O Brasil é país convidado deste salão e apresenta coletiva de pintura e escultura moderna.

Retrospectiva Ivan Serpa. Exposição Comemorativa do IV Centenário, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 25 de março a 25 de abril.

II Brazilian Contemporary Art Exposition. New Orleans Public Library, 14 a 30 de abril.

Participa do júri do concurso de esculturas na areia, patrocinado pelo Jornal do Brasil e Air France, para escolher representação brasileira no Campeonato Mundial na França (La Beaule), abril.

Pintura e escultura de artistas brasileiros contemporâneos. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, maio-junho.

Individual no Museu de Arte de Belo Horizonte, junho.

Opinião 65, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 12 de agosto a 12 de setembro, organizada por Jean Boghici e Ceres Franco.

Exposição individual na inauguração do Café Teatro Casa Grande, Rio, em 11 de agosto.

Arte da América Latina desde a Independência, mostra itinerante pelos EUA.

Pinturas e gravuras, Coletiva na Galeria da loja Morada, Rio de Janeiro.

Desenhistas brasileiros em coleções mineiras. Belo Horizonte, Reitoria da UMG, agosto.

Brasilianische Kunst heute. Viena, *Museum für angewandte Kunst*, 30 de setembro a 30 de outubro.

III Resumo de Arte Jornal do Brasil, RJ, MAM. Apresentação de Harry Laus.

Exposição de desenhos e guaches de Ivan Serpa (1963-5), Museu de Arte Contemporânea da USP, São Paulo, 25 de novembro a 11 de dezembro. Em colaboração com o Museu de Arte de São Paulo.

Individual na Galeria Relevo, Rio, 7 a 31 de dezembro.

XX Salão Municipal de Belas Artes. Belo Horizonte, Museu de Arte, dezembro.

Recebe prêmio de aquisição Clube dos Lojistas.

Individual na Galeria Stiebel, Paris.

instituto de arte contemporânea

Coletiva de pintores sul-americanos no Guggenheim Museum, Nova York, dezembro.

VIII Bienal de São Paulo.

1966 – Exposição coletiva de 12 artistas, Rio de Janeiro, Galeria do Hotel Copacabana Palace, março.

Exposição coletiva 90 pintores. Super Mercado 66. Rio de Janeiro, Galeria Relevo, 12 a 24 de abril.

Exposição do acervo da Galeria Meira. Rio de Janeiro, Galeria Meira, abril.

Artistas Brasileños Contemporâneos. Buenos Aires: Museo de Arte Moderno, 22 de abril a 21 de maio.

Brasilianische kunst heute. Bonn, Austellung in der Beethovenhalle veranstaltet Von der Brasilianischen Botschaft, 29 de abril a 22 de maio.

A Galeria *Independence*, de Los Angeles, solicita quadros de Serpa para exposição.

XV Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

IV Resumo de Arte Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 23 de junho a 10 de julho.

Ivan Serpa – Desenho – Pintura. Salvador, Galeria Convivium, julho-agosto.

Serpa doa obra "Cabeça" para o Museu de Jerusalém, em Israel.

I Bienal Nacional de Artes Plásticas, Sala Especial. Salvador.

Coletiva Brasileira. Pintura – desenho – gravura – escultura. Rio de Janeiro, Galeria IBEU, agosto.

Serpa cria o catálogo da mostra de Fernando Goldfaber, no Museu de Arte Moderna do Rio, agosto.

Opinião 66, Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 25 de agosto a 11 de setembro.

II Exposição Circulante de Obras do Acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Meio século de arte nova.

5 pintores contemporáneos del Brasil. Ivan Freitas, Antonio Maia, Maria Pólo, Ivan Serpa, Benjamin Silva. Montevidéu, Buenos Aires, setembro-outubro.

III Bienal Americana de Arte, Córdoba-Buenos Aires.

instituto de arte contemporânea

Serpa ministra aulas sobre Análise Crítica da Cor, na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, novembro.

1967 – Nova Objetividade Brasileira. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 6 a 30 de abril.

Exposição Vanguarda atual: Abstratos geométricos. Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes – Diretório Acadêmico, abril-maio (Ciclo de estudos da arte brasileira).

Profere palestra na abertura da Semana de Arte e Educação. Curitiba, Casa Alfredo Andersen, 22 de setembro de 1967.

Participa do júri do Salão Paranaense de Belas Artes. Curitiba.

Tendência de Pintores Brasileiros Contemporâneos. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

1968 – 4ª Exposição Coletiva de Pintura. Petrópolis, Museu Imperial, 9 a 17 de fevereiro.

Exposição coletiva no Salão de Pintura do VIII Festival Nacional de Arte, Cidade de Cáli, Colômbia, março.

5ª Exposição Coletiva de Pintura. Nova Friburgo, Centro de Arte, 20 a 29 de maio.

Exposição coletiva Obras Adquiridas ou doadas de 35 artistas nacionais. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea/USP, maio-junho.

Organiza, com José Roberto Teixeira Leite e Fernando Goldfaber, a exposição As Eróticas, no Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, junho de 1968.

6ª Exposição Coletiva de Pintura. Campos, Átrio do DCT, 1 a 6 de setembro.

Exposição "Ivan Serpa pinturas", Galeria Bonino, Rio, 10 a 28 de setembro.

Participa da I Feira de Arte no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, organizada por Mário Pedrosa, setembro de 1968.

Exposição de Arte Fantástica. Rio de Janeiro, Sede do Clube Floresta, outubro de 1968.

7ª Exposição Coletiva de Pintura. Rio de Janeiro, Banco Predial, 16 a 23 de dezembro.

O Museu de Arte Moderna de Nova York, MoMA, adquire duas obras de Ivan Serpa.

Exposição 3 artistas no Copa (Serpa, Iberê Camargo e Djanira), Hotel Copacabana Palace, Rio.

instituto de arte contemporânea

É indicado para o Prêmio Golfinho, do Museu da Imagem e do Som.

1969 – VII Resumo de Arte Jornal do Brasil, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

8ª Exposição Coletiva de Pintura. Banco do Estado do Piauí, Teresina, de 12 a 24 de setembro.

De 1969 a 1972 integra a Comissão Nacional de Belas Artes.

1970 – Cria o Centro de Pesquisa em Arte, com Bruno Tausz, no Rio.

Power Bequest Exhibition – 1970. Sydney, Watter Gallery, 9 a 26 de setembro.

Coleção Os Brasileiros. Rio de Janeiro, Espaço Galeria de Arte, novembro.

Maxi Exposição coletiva natal 70. Rio de Janeiro, galeria Marte, dezembro.

Natal de 1970. Rio de Janeiro, Petite Galeria, 14 a 31 de dezembro.

1971 – A Grande Década. Abstracionismo brasileiro: algumas obras dos anos 1955-65. Rio de Janeiro, Galeria Barcinski, junho.

Arte Moderna nos Salões Oficiais. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, junho.

"Ivan Serpa. Desenhos 1946/1971". Retrospectiva comemorativa dos 25 anos de carreira do artista. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, agosto-outubro.

XX Salão Nacional de Arte Moderna, Rio.

Ilustra a segunda edição de O Ateneu, de Raul Pompéia.

Ivan Serpa dá depoimento ao Museu da Imagem e do Som,no dia 23 de setembro de 1971.

A Fundação Garcia Viñolas, de Madri, adquire desenhos e gravuras de Serpa para sua coleção.

Exposição coletiva de inauguração da Galeria Ricardo Montenegro, Rio de Janeiro, dezembro.

1972 – Expositores. São Paulo: Galeria de Arte Alberto Bonfiglioli, março-abril.

Exposição coletiva (Ivan Serpa, Sergio de Paula, Cláudio Tozzi, Serpa de Andrade, Dorée Camargo Corrêa, Manfredo Souza Neta, Tomoshige Kusuno, Paulo Roberto Leal). São Paulo, Galeria Alberto Bonfiglioli, 16 de março a 16 de maio.

Mostra de artes plásticas na Fundação Bertrand Russel, em Londres, em homenagem ao centenário de nascimento do filósofo, abril.

instituto de arte contemporânea

50 anos de arte brasileira. Coleção de Gilberto Chateaubriand. Rio de Janeiro: Galeria IBEU, maio.

X Resumo de Arte Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 1 de junho a 1 de julho.

Ivan Serpa, Lygia Pape, Antônio Manuel. Rio de Janeiro, Grupo B – Rua das Palmeiras, 19, 2 e 3 de agosto.

Exposição dos tecidos da Rhodia, estampados por artistas brasileiros (1958-1970), no MASP.

Exposição Coletiva de Pinturas. Niterói, Sociedade Fluminense de Fotografia, 19 de novembro a 21 de dezembro.

I Mostra de Serigrafias do Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, dezembro.

Serpa dá palestra intitulada "O Panorama das Artes Plásticas no Brasil", na faculdade de Comunicação Hélio Alonso, Rio de Janeiro, 7 de dezembro.

1973 – Morre no dia 19 de abril, de enfarte e derrame cerebral.

Exposições póstumas:

1973 – Exposição de suas obras constantes do acervo do MAM-RJ. Rio de Janeiro, Foyer do Museu de Arte Moderna, abril-maio.

Homenagem Especial na *Art Session*. Rio de Janeiro, Câmara de Comércio Americana do Rio de Janeiro, 6 de junho.

21 anos de Salão Nacional. Rio de Janeiro, Galeria IBEU, setembro.

Exposição Coletiva de Gravura e Desenho Contemporâneo. Rio de Janeiro, Clube Caiçaras, outubro.

1974 – Retrospectiva Ivan Serpa, organizada por Roberto Pontual, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 25 de abril a 25 de maio.

1975 – Coletiva Arte brasileira. Exposição do acervo do Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro, fevereiro.

Ivan Serpa. Exposição de guaches, aquarelas, desenhos, litografias, gravuras em metal e serigrafias. Brasília, Galeria Oscar Seraphico, 16 de abril a 6 de maio.

Eucatexpo. Rio de Janeiro, Loja Eucatex, julho.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Cronologia

1976 – Bonino 200. Bandeira / Goeldi / Portinari / Raymundo / Serpa. Rio de Janeiro, Galeria Bonino, 25 de agosto a 11 de setembro.

1978 – Coleção de Natal. Brasília, Galeria Oscar Seraphico, 13 de dezembro de 1978 a 12 de janeiro de 1979.

1979 – A criança como tema. Mostra comemorativa do Ano Internacional da Criança. Rio de Janeiro, Galeria IBEU, setembro-outubro.

15ª Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo, Pavilhão Armando Arruda Pereira, 3 de outubro a 9 de dezembro.

1981 – Expressionismo Alemão nas Artes Plásticas do Brasil, Porto Alegre.

1982 –Entre a mancha e a figura, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Pintores Fluminenses. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna.

Obras raras. São Paulo, Galeria Ricardo Camargo, 30 de setembro a 30 de outubro.

Contemporaneidade. Mário Pedrosa. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 4 a 25 de novembro.

1983 – 30 anos Arte Petrobrás. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, novembro.

Arte Moderna no Salão Nacional. 1940-1982. 6º Salão Nacional de Artes Plásticas – Destaque do Mês: 10 anos sem Ivan Serpa. Pinacoteca do Estado de São Paulo, novembro de 1983.

Sala Especial. Rio de Janeiro, FUNARTE, Galeria Sérgio Milliet, Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, Espaço Alternativo, 2 de dezembro de 1983 a 6 de janeiro de 1984.

1984 – Carnavalesca. Rio de Janeiro, Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, FUNARTE, 24 de janeiro a 9 de março.

Exposição "Grupo Frente: 1954-1956. Exposição Nacional de Arte Abstrata: Hotel Quitandinha 1953". Rio de Janeiro, Galeria de Arte Banerj, novembro (Ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro 2 e 3).

1985 – Axl Leskoschek e seus alunos. Brasil/1940-1948 (Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro, 4). Rio de Janeiro, Galeria BANERJ, Março. Apresentada ainda em 1985 no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Homenagem a Mário Pedrosa. Rio de Janeiro: Galeria Jean Boghici, 25 de abril a 30 de julho.

instituto de arte contemporânea

Rio: vertente construtiva. São Paulo, Museu de Arte Contemporânea - USP, maio.
Apresentada em setembro na Galeria BANERJ, no Rio de Janeiro.
"Opinião 65". Rio de Janeiro, Galeria de Arte Banerj, agosto. (Ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro)
18ª Bienal de São Paulo. São Paulo, Fundação Bienal, 4 de outubro a 15 de dezembro. Participa da mostra especial Expressionismo no Brasil. Heranças e afinidades, com curadoria de Stella Teixeira de Barros e Ivo Mesquita.

1986 – Mostra Ivan Serpa: guaches. Rio de Janeiro, Galeria Maurício Leite Barbosa, 11 a 30 de dezembro.

1987 - Exposição "Serpa em três coleções", Galeria Klee, Rio de Janeiro, em homenagem ao 14º aniversário de sua morte, março.
Abstração geométrica 1: Concretismo e Neoconcretismo. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Artes Plásticas. (Projeto Arte Brasileira). Curadoria de Ligia Canongia.
Nova figuração Rio/Buenos Aires. Rio de Janeiro, Galeria do Instituto Cultural Brasil-Argentina, 16 de novembro a 16 de dezembro. Organização do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

1988 – Retrospectiva Ivan Serpa. Rio de Janeiro, Galeria Tríade, 18 de agosto a 18 de setembro.
Modernidade: Arte Brasileira do século XX. Paris: *Musée d'ArtModerne de la Ville de Paris*, São Paulo: Museu de Arte Moderna.

1989 – XX Bienal de São Paulo. Abstração: efeito Bienal 1954-1963. São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, 14 de outubro a 10 de dezembro.
Exposição Pequenas Grandezas dos anos 50, nos 30 anos do neoconcretismo. Rio de Janeiro, Cleide Wanderley Gabinete de Arte, 31 de maio a 17 de junho. Curadoria de Ligia Canongia.

1993 – Ivan Serpa. Retrospectiva (1947-1973). Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil. Curadoria de Reynaldo Roels.
Emblemas do corpo. O nu na arte moderna brasileira. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, 7 de outubro a 19 de dezembro. Curadoria de Franklin Pedroso.

instituto de arte contemporânea

1994 – Futebol & Arte. Registros de uma paixão. Rio de Janeiro, Rio Design Center, 14 de junho a 10 de julho.

Grupo Frente. Exposição retrospectiva histórica e comemorativa dos 40 anos do Grupo Frente. Rio de Janeiro: galeria IBEU, outubro-novembro de 1994.

1996 – Grito. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, 26 de novembro de 1996 a 20 de janeiro de 1997.

1998 – Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner. São Paulo, Museu de Arte Moderna, 2 de outubro a 20 de dezembro de 1998.

2000 – IBEU: sessenta anos de arte. Rio de Janeiro, Galerias IBEU Copacabana e Madureira, a partir de março de 2000.

Quando o Brasil era moderno 1905-1955. Rio de Janeiro, Paço Imperial, 7 de dezembro de 2000 a 25 de março de 2001.

2001 – *Geometric Abstraction. Latin American Art from the Patricia Phelps de Cisneros Collection*. Cambridge, *Fogg Art Museum, Harward University Art Museums*, 3 de março a 4 de novembro de 2001.

Aquarela brasileira. Rio de Janeiro: Centro Cultural Light, 21 de maio a 15 de julho.

Trajetória da luz na arte brasileira. São Paulo, Itaú Cultural, 13 de maio a 9 de setembro de 2001.

2002 – Mostra Rio Arte Contemporânea 1. Sala Especial: Violência e Paixão. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 16 de abril a 9 de junho de 2002.

Paralelos. Arte Brasileira da segunda metade do século XX em contexto. Coleção Cisneros. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 18 de julho a 22 de setembro de 2002.

instituto de arte contemporânea

Artigos de periódicos (ordem cronológica)

Década de 1950

Mário PEDROSA. A experiência de Ivan Serpa. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1951.

_____. Experiência e arte. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 31 de maio de 1952.

II Exposição de arte infantil. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1952.

Hélio PELLEGRINO. Afirma Ivan Serpa: Portinari e Di Cavalcanti nada têm a transmitir. **Comício.** Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1952.

Mário PEDROSA. Os meninos de Ivan Serpa. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 01 de dezembro de 1952.

Lucy TEIXEIRA. Fui ao museu beber infância. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1952.

_____. Arte e espírito infantil. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1952.

Ferreira GULLAR. Ivan Serpa. **Revista Arte.** Vol. III, nº 4. Rio de Janeiro, julho-dezembro de 1953.

Não querem pintar com nossas tintas. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1953.

José Carlos Macedo MIRANDA. A pintura concreta na Bienal. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 25 de maio de 1953.

Ivan Serpa, concreto feliz entre as crianças. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1953.

Ferreira GULLAR. Ivan Serpa e Darel Valença. **Arquitetura e Decoração.** São Paulo, setembro de 1953.

Qual será o futuro das artes no Brasil? Inquéritos. **Habitat,** nº 7. Rio de Janeiro, 1954.

José Carlos Macedo de MIRANDA. Janela sobre o mundo. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 3 de abril de 1954.

Será a arte moderna prejudicial ao psiquismo infantil? **O Globo.** Rio de Janeiro, 14 de abril de 1954.

instituto de arte contemporânea

A 1ª exposição do "Grupo Frente". **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 1º de maio de 1954.

Pincel e calças curtas. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 29 de maio de 1954.

Luiza Elza MASSENA. Arte Concreta Brasileira em Veneza. **Forma**, nº 1. Rio de Janeiro, junho de 1954.

Exposição de Ivan Serpa e pintura de crianças nos EEUU. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 5 de junho de 1954.

"Queremos uma arte de vanguarda". **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 30 de junho de 1954.

A criança e a arte. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 11 de julho de 1954.

A. L. QUADROS. Grupo frente. **Forma**, nº 2. Rio de Janeiro, agosto de 1954.

A arte deve influir sobre o homem contemporâneo. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1954.

Leon DEGAND. La Biennale de Venise. **Art aujourd'hui. Revue d'art contemporaine,** nº 6, série 5, setembro 1954.

Mário PEDROSA. Ivan Serpa expõe em Washington. **Forma,** nº 3. Rio de Janeiro, outubro de 1954.

Augusto Frederico SCHMIDT. Arte infantil. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1954.

Mundo de cores na arte das crianças. **O Globo.** Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1954.

Ferreira GULLAR. A arte exata de Ivan Serpa. **Habitat.** Rio de Janeiro, 1953. (recorte de revista apenas com indicação do ano)

Maurício RABELLO. Palavra puxa palavra. Conversa com Ivan Serpa. **A Voz da rua.** Rio de Janeiro, 1955 (recorte apenas com indicação do ano).

Jaime MAURÍCIO. No Museu de Arte Moderna: Gente moça renovando a paisagem artística. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 15 de abril de 1955.

Mário PEDROSA. Ivan Serpa, pintor brasileño. **Ver y estimar.** Série 2, nº 8. Buenos Aires, junho de 1955.

Jaime MAURÍCIO. Ivan Serpa, a III Bienal e o Grupo Frente. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 10 de julho de 1955.

Grupo "Frente" no MAM. **Rio Magazine.** Rio de Janeiro, agosto de 1955.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Fontes de Pesquisa

O "Grupo Frente", sua segunda exposição. **Visão.** São Paulo, 5 de agosto de 1955.

Eles não querem fabricar gênios, mas tornar as crianças felizes. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1955.

Gente da cidade: Ivan Serpa, pintor. **Manchete.** Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1955.

Crianças brasileiras vão expor em Paris. **O Dia.** Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1955.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Um museu de arte infantil em Copacabana. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1956.

Artes Plásticas, Rio, 1955. **Forma,** nº 6. Rio de Janeiro, março de 1956.

O Grupo Frente quer levar a arte concreta ao interior. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 14 de março de 1956.

Mário Pedrosa analisa o grupo Frente. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 17 e 18 de março de 1956.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Os cursos de Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio.**Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 30 de março de 1956.

F. A. O Salão de Arte Moderna de 1956. **Jornal das Letras.** Rio de Janeiro, junho de 1956.

V Salão Nacional de Arte Moderna. **Jornal do Comércio.** Rio de Janeiro, 10 de junho de 1956.

Jaime MAURÍCIO. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, polarizador e divulgador da cultura. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 13 de julho de 1956.

José Geraldo VIEIRA. Evolução do Abstracionismo no Brasil. **Habitat,** nº 33. Rio de Janeiro, agosto de 1956.

Jaime MAURÍCIO. As crianças conduzem ao mundo do sonho, da cor e da poesia. **O Globo.** Rio de Janeiro, dezembro de 1956.

Ferreira GULLAR e Oliveira BASTOS. Em fevereiro, no Rio, a primeira Exposição Nacional de Arte Concreta. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1956.

José Geraldo VIEIRA. Exposição Nacional de Arte Concreta. **Habitat,** nº 38. São Paulo, janeiro de 1957.

Poesia e pinturas concretas numa exposição revolucionária. **O Globo.** Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1957.

instituto de arte contemporânea

Recorte de jornal sem título. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1957.

Ferreira GULLAR. I Exposição Nacional de Arte Concreta: 2. O Grupo do Rio. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1957.

Ivan Serpa: "Sou um pintor concreto", entrevista a Ferreira Gullar. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 3 de março de 1957.

Mário PEDROSA. Frade cético, crianças geniais. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro,19 de março de 1957.

Ferreira GULLAR. Salão moderno – 1957. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1957.

Artes Visuais: Noticiário: "A lei do Salão deve mudar" – diz Ivan Serpa, prêmio de viagem de 1957. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1957.

Ivan Serpa, concretista e prêmio viagem. Pintura figurativa só para loucos, primitivos e crianças. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 31 de maio de 1957.

Mário PEDROSA. As colagens de Serpa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1957.

_____. Os prêmios do Salão. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 3 de julho de 1957.

_____. Crianças e arte moderna. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 18 de julho de 1957.

_____. Crianças alemãs e as do Brasil. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 26 de julho de 1957.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1957.

José Roberto Teixeira LEITE. Uma frase (estranhável) de Ivan Serpa. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 28 de agosto e 1957.

Ferreira GULLAR. Mural em quatro tempos. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1957.

Crianças farão arte no Méier. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1957.

Mário PEDROSA. Ivan Serpa na Bienal. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1957.

instituto de arte contemporânea

Vicente SALLES. Concreto plástico e abstrato no poema e forma. **Letras Fluminenses.** Niterói, janeiro-fevereiro de 1958.

Marc BERKOWITZ. Exposição de Ivan Serpa. **Para Todos**, nº 44. Rio de Janeiro, março de 1958.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Serpa viajará, expondo antes na GEA. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 14 de março de 1958.

Serpa na GEA. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 de março de 1958.

Marc BERKOWITZ. A exposição de Ivan Serpa na GEA. **Leitura,** nº 10. Rio de Janeiro, abril de 1958.

Mário PEDROSA. Serpa, mostra despedida. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 8 de abril de 1958.

Concretos e abstratos no VII Salão de Arte Moderna. **Última Hora.** Rio de Janeiro, 23 de junho de 1958.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Serpa reiniciará a viagem ao estrangeiro. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1959.

Homenagem a Volpi: Serpa. **O Jornal.** Rio de Janeiro, abril de 1959.

Ferreira GULLAR. Artes Visuais: Serpa ilustra novo livro de J. C. de Melo Neto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1959.

Ivan Serpa e o Instituto de Arte Infantil. **Revista AABB.** Rio de Janeiro, setembro de 1959.

Ferreira GULLAR. Artes Visuais: Serpa: volto convicto de que o tachismo não é o caminho para a arte atual. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1959.

Mário PEDROSA. Paradoxo da arte moderna brasileira. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1959.

Década de 1960

Mário PEDROSA. A seleção para Veneza. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 6 de fevereiro de 1960.

Mário de OLIVEIRA. A exposição de arte moderna brasileira no S.N.I. **Colóquio.** Revista de Artes e Letras, nº 10. Lisboa, outubro de 1960.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Fontes de Pesquisa

Haroldo HOLLANDA. Arte geométrica é arte do passado. Ivan Serpa, papa do conretismo, rompe com a escola. **Mundo Ilustrado,** nº 163. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1961.

Ferreira GULLAR. Serpa: autocrítica. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1961.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: O MAM propõe um velho problema... Serpa e a liberdade do artista. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1961.

Mário BARATA. Serpa e a imagem e outras exposições. **Jornal de Notícias.** Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1961.

Pierre RESTANY. VI Bienal de São Paulo. **Cimalse.** Ano 8, nº 56, novembro de 1961.

Itinerário das Artes Plásticas: Ivan Serpa e as crianças no MAM. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1962.

Albert D. HIRRICHSEN. A Young Brazilian artist – Ivan Serpa. **Brazil Herald**, 15 de fevereiro de 1962 (recorte sem indicação de local).

Marc BERKOWITZ. Arte brasileira nos EUA. **Leitura,** nº 57. Rio de Janeiro, março de 1962.

Quirino CAMPOFIORITO. XI Salão: Ivan Serpa. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 13 de junho de 1962.

Manuel GERMANO. 11 brasileiros na XXXI Bienal de Veneza. **Habitat,** nº 69, setembro de 1962.

Ismos. **Revista ADB.** Rio de Janeiro, setembro-outubro de 1962.

Rosa Maria CARLESS. Living up to Brasília. **Studio.** London, July 1963.

Marc BERKOWITZ. A exposição de Ivan Serpa. **Leitura,** nº 74. Rio de Janeiro, agosto de 1963.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Ivan Serpa hoje na Tenreiro. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1963.

Vera Pacheco JORDÃO. Ivan Serpa na Tenreiro. **O Globo.** Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1963.

José Roberto Teixeira LEITE. O novo Serpa I. **Diário de Notícias.** Rio de janeiro, 22 de agosto de 1963.

instituto de arte contemporânea

_____. O novo Serpa II. **Diário de Notícias.** Rio de janeiro, 24 de agosto de 1963.

Harry LAUS. Ivan Serpa se despede. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1963.

Ferreira GULLAR.Ivan Serpa e Darel Valença. **Arquitetura.** Rio de Janeiro, setembro de 1963.

_____. Serpa retorna à figura. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 5 de setembro de 1963.

Quirino CAMPOFIORITO. Ivan Serpa II. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1963.

Gontran da Veiga JARDIM. Crianças desvendam o mistério do mundo fantástico de Ivan Serpa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1963.

Ferreira GULLAR. A pintura em pânico. **Arquitetura.** Rio de Janeiro, outubro de 1963.

Quirino CAMPOFIORITO. Artes Plásticas: Gullar – Serpa e Darel. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1963.

Ivan Serpa em nova linguagem. **Jornal de Letras.** Rio de Janeiro, novembro de 1963.

Ivan Serpa expõe as razões de sua fase figurativa. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 27 de dezembro de 1963.

Quirino CAMPOFIORITO. Serpa: a realidade está aí mesmo cheia de motivos para o artista. Recorte de jornal apenas com indicação do ano: 1964.

Ferreira GULLAR. Arte infantil e arte de adulto. **Estado de São Paulo.** São Paulo, 3 de janeiro de 1964.

Ivan Serpa se abstrai do expressionismo. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1964.

Harry LAUS. Artes: Revolta contra a beleza. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1964.

_____. Artes: Desenhos de Ivã Serpa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1964.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Serpa – 64: neo-expressionismo ou nova figuração? **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1964.

Novo ano, novos planos. **Jornal do Comércio.** Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1965.

José Geraldo VIEIRA. Ivan Serpa. **Folha Ilustrada.** São Paulo, 7 de fevereiro de 1965.

instituto de arte contemporânea

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Os soturnos e elegantes espectros de Serpa. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 27 de março de 1965.

Miranda NETTO. Ariel e Caliban. **Jornal do Comércio.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 1965.

Sylvia BARBOSA. Ivan Serpa no MAM. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 1965.

No MAM: Ivan Serpa ensina aprendendo. **Casa e Jardim,** nº 125. Rio de Janeiro, junho de 1965.

Márcio SAMPAIO. Hoje: Ivan Serpa e fantasmas. **Diário de Minas.** Belo Horizonte, 15 de junho de 1965.

MARI'STELLA. Exposição de Ivan Serpa hoje no Museu de Arte. **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 15 de junho de 1965.

Edmur FONSECA. Ivan Serpa: fazer arte para uma minoria é anti-humano. **Jornal da Cidade.** Belo Horizonte, 22 de junho de 1965.

Fernando GOMES. Um corpo a corpo diário, travado com a pintura. **Estado de Minas.** Belo Horizonte, 27 de junho de 1965.

Claudir CHAVES. Ivan Serpa opinou sobre Opinião 65. **Diário Carioca.** Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1965.

Mário BARATA, Muita arte... e Opinião no Museu Moderno. Recorte sem indicação do jornal, agosto de 1965.

Como vai a nossa arte? Como você se situa nela? **O Globo.** Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1965.

Jayme MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: A crítica vienense e a arte brasileira. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1965.

Ivo ZANINI. Serpa, Campadello e Boese expõem hoje. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 25 de novembro de 1965.

G. F. Desenhos e guaches em crise. **O Estadão.** São Paulo, 3 de dezembro de 1965.

José Geraldo VIEIRA. Artes Plásticas: Ivã Serpa. **Folha Ilustrada.** São Paulo, 7 de dezembro de 1965.

Harry LAUS. A atualidade de Ivan Serpa. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1965.

instituto de arte contemporânea

_____. Coletiva reúne doze. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 15 de março de 1966.

_____. Argentina critica brasileiro. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 18 de maio de 1966.

_____. Os melhores do Resumo JB. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 26 de maio de 1966.

O artista e seu estúdio – Ivan Serpa. **O Globo.** Rio de Janeiro, 20 de julho de 1966.

Crítica honesta é fator positivo, diz Serpa que vai expor na Convivium. **Jornal da Bahia.** Salvador, julho de 1966.

Newton SOBRAL. Serpa acha que a técnica deve ser motivo de preocupação. **Jornal da Bahia.** Salvador, 22 de julho de 1966.

Carlos PINTO. Ivan Serpa. **A Tarde.** Salvador, 25 de julho de 1966.

Marcos SANTARRITA. Ivan Serpa: em foco. **Jornal da Bahia.** Salvador, 31 de julho e 1º de agosto de 1966.

O artista e seu estúdio. Ivan Serpa. **O Globo.** Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1966.

Frederico MORAIS. Os novos objetos de Ivan Serpa. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1967.

_____. Ivan Serpa e seu comércio de espacialidade poética. **GAM,** nº 6. Rio de Janeiro, maio de 1967.

Panorama das Artes Plásticas. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1967.

Vera PEDROSA. Artes Plásticas: Uma História de Ivan Serpa. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1968.

_____. Serpa em fase amazônica. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1968.

Frederico MORAIS. Ivan Serpa: pioneirismo e renovação. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1968.

_____. O número na pintura de Ivan Serpa. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1968.

Gilberto CAVALCANTI. Objetos surpresa: diálogo direto de Serpa com o grande público. **A Notícia.** Rio de Janeiro, 12 de abril de 1969.

Jacob KLINTOWITZ. A envolvente realidade de Serpa. **Tribuna da Imprensa.** Rio de Janeiro, 24 de abril de 1969.

Roberto PONTUAL. Unidade e multiplicidade: universo de Ivan Serpa. Revista **GAM**, nº 18. Rio de Janeiro, 1969 (p.55-8).

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa ensina criança a pintar apenas para que tenha sentido de liberdade. **Revista Brasileira de ES – Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 29 de abril de 1969.

Década de 1970

Walmir AYALA. Arte de computador. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 19 de abril de 1970.

Frederico MORAIS. Arte Brasil Hoje. Guanabara. **Revista de Cultura Vozes.** Ano 64, vol.LXIV, nº 9. Petrópolis, novembro de 1970.

Roberto PONTUAL. Um roteiro. A década: 1960. hoje. O Brasil. A Arte. O Mundo. **Revista de Cultura Vozes.** Ano 64, vol.LXIV, nº 9. Petrópolis, novembro de 1970.

Celina LUZ. O treino da sensibilidade artística. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1970.

Walmir AYALA. Artes Plásticas. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1971.

Jaime MAURÍCIO. Itinerário das Artes Plásticas: Ausência (excessiva) de Serpa. O fim é a mensagem. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 24 e 25 de janeiro de 1971.

Ivan Serpa: O artista já não pode fechar-se em si mesmo (entrevista concedida a Ferreira Gullar). **Folha/Arte/Pesquisa**. Recorte de jornal sem indicação de data.

Farida ISSA. Ivan Serpa: sentido de labirinto. **Chuvisco**, nº 133**.** Rio de Janeiro, 1971.

Walmir AYALA. Artes Plásticas: a burocratização da arte. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 5 de maio de 1971.

Jaime MAURÍCIO. Artes Plásticas: O segredo de 25 anos exposto no MAM. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1971.

Celina LUZ. Ivan Serpa, o interesse no momento. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1971.

Serpa e Bruno levam escola de arte sem mestre para Ipanema. **O Globo.** Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1971.

Jaime MAURÍCIO. Ivan: em 100 desenhos a perfeição. **Anexo – Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1971.

Ivan Serpa confessa no MIS ter sentido o gosto da cor azul que lembra dentifrício. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1971.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Fontes de Pesquisa

Ivan Serpa no MIS: de Bernanos e Graciliano guardo recordações. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1971.

Hamilcar de GARCIA. Gosto de azul. **O Globo.** Rio de Janeiro, 1º de março de 1972.

Serpa em múltipla experiência. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1972.

Celina LUZ. Bonnard visto por quem faz arte. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 2 de maio de 1972.

Arts et Lettres: Ivan Serpa. **Bulletin du Brésil.** Ano 3, nº 3. Marseille: Consulat General du Brésil, junho de 1972.

Roberto Pontual. Arte contemporanea Brasile. **D'Ars.** Ano XIII, nº 66. Milano, guilio 1972.

Os pequenos pincéis. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1972.

Lygia PAPE. Entrevista com Ivan Serpa. Participação de Antonio Manuel e Ascânio MMM. Setembro de 1972. *In:* Ferreira GULLAR (org.). **Arte Brasileira Hoje.** Rio de Janeiro: paz e Terra, 1973.

Arte perde Ivan Serpa. **O Jornal.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1973.

Artes Plásticas em luto com a morte do pintor Ivan Serpa. **O Dia.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1973.

Enfarte mata Ivan Serpa, um renovador da pintura. **O Globo.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1973.

Ivan Serpa morre aos 50 anos vítima de derrame cerebral. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1973.

Ivan Serpa morreu ontem. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1973.

Morre o precursor do concretismo no Brasil. **A Notícia.** Rio de Janeiro, 20 de abril de 1973.

Ivan Serpa teve adeus dos amigos que não entenderam o grande absurdo d morte. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 21 de abril de 1973.

Sepultado o pintor Ivan Serpa. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 21 de abril de 1973.

Frederico MORAIS. Ivan Serpa: Coerência sem dogmatismo. **Diário de Notícias.** Rio de Janeiro, 24 de abril de 1973.

Hugo AULER. Ivan Serpa: a "arte-ordem" em seu universo interior. **Correio Braziliense – Caderno Cultural**, nº 262. Brasília, DF, 27 de abril de 1973.

instituto de arte contemporânea

Walmir AYALA. A lição de Ivan Serpa. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 27 de abril de 1973.

Jaime MAURÍCIO. Artes Plásticas: Ivan Serpa um marco que ficará. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 29 de abril de 1973.

Vera Pacheco JORDÃO. Ivan Serpa, o itinerário de uma inquietação criadora. **O Globo.** Rio de Janeiro, 1º de maio de 1973.

Philomena GEBRAN. A última entrevista de Ivan Serpa. **Políticka.** Rio de Janeiro, 14 de maio de 1973.

João Monteiro PEIXOTO. Ivan Serpa, gênio observador da pintura. **ASBAC.** Ano IX, nº 78. Rio de Janeiro, fevereiro de 1974.

Ronaldo BRITO. Ivan Serpa: um pintor contra o estilo. **Opinião: artes plásticas.** Rio de Janeiro, 6 de abril de 1974.

Emilia SILVEIRA. Retrospectiva de Ivan Serpa. Uma multiplicidade de técnicas e estilos. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 de abril de 1974.

Ivan Serpa ensina criança a pintar apenas para que tenha o sentido de liberdade. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 29 de abril de 1974.

O experimentador. Ivan Serpa – Retrospectiva; 274 pinturas, desenhos, gravuras e objetos; Museu de Arte Moderna (Rio). **Revista Veja.** São Paulo, 15 de maio de 1974.

Décio PRESSER. O artista múltiplo e uno, Ivan Serpa. **Folha da Tarde.** São Paulo, 18 de maio de 1974.

O dia dos maridos famosos. **O Globo.** Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1975.

Hugo AULER. O mestre Ivan Serpa. **Correio Braziliense.** Brasília, 9 de abril de 1975.

_____. Ivan Serpa – cérebro e mão. **Correio Braziliense.** Brasília, 19 de abril de 1975.

_____. Presença de Ivan Serpa em Brasília. **Correio Braziliense.** Brasília, 20 de abril de 1975.

_____. A criação artística em Ivan Serpa. **Correio Braziliense.** Brasília, 27 de abril de 1975.

Roberto PONTUAL. As expressões da crise. **Domingo – Jornal do Brasil.** Ano 2, nº 66. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1977.

Marinho de AZEVEDO. O experimentador. **Veja,** nº 297. São Paulo, 15 de maio de 1974.

Geroges RACZ. Concretos. **Visão.** São Paulo, 1º de agosto de 1977.

instituto de arte contemporânea

Deise LIMA. Ivan Serpa: amigo e mestre de várias gerações. **REBAT.** Revista de Arte e Turismo. Ano 1, nº 1. fevereiro – março de 1979.

Décadas de 1980 e 1990

Flávio FALCÃO. Ivan Serpa: a paz do Méier como fonte de inspiração. **O Globo**. Rio de Janeiro, 26 de maio de 1982.

Edilberto COUTINHO. Dez anos sem Ivan Serpa, o experimentador das cores e das formas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1984.

Reynaldo ROELS Jr. Ivan Serpa, mestre e provocador. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1986.

Frederico MORAIS. Artes Plásticas: Guaches de Ivan Serpa, no caminho do concreto. **O Globo.** Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1987.

_____. Artes Plásticas: Exposição-homenagem de Ivan Serpa. Para ver e aprender. **O Globo.** Rio de Janeiro, 19 de março de 1987.

_____. Modelo para gerações: a obra múltipla de Ivan Serpa revista. **Isto É.** São Paulo, 25 de março de 1987.

Reynaldo Roels. As muitas faces de Serpa. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 20 de março de 1987.

Rosa NEPOMUCENO. Ivan Serpa em retrospectiva. **O Globo.** Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1988.

Antonio MANUEL. Um vício até morrer. **Jornal Rioartes.** Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1993.

Catálogos de exposições (ordem cronológica)

Década de 1940

Exposição da Colméia de pintores do Brasil. I Exposição do Curso de Pintura ao ar livre de Levino Fanzeres. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 3 a 17 de maio de 1947.

LII Salão Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1947.

instituto de arte contemporânea

VIII Salão Fluminense de Belas Artes. Niterói: Associação Fluminense de Belas Artes, 1948.

LIII Salão Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1948.

I Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1949.

LIV Salão Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949.

Década de 1950

II Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro: Salão Assírio do Theatro Municipal, junho de 1950.

LVI Salão Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1951.

III Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro: Salão Assírio do Theatro Municipal, julho de 1951.

Ivan Serpa. Exposição de pinturas e desenhos. Rio de Janeiro: Galeria IBEU, julho-agosto de 1951.

Ivan Serpa. Resende: Museu de Arte Moderna, setembro de 1951.

I Salão Paulista de Arte Moderna. São Paulo: Galeria Prestes Maia, novembro-dezembro de 1951.

I Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

Exposição de artistas brasileiros. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, abril de 1952. Texto de Mário Pedrosa (O movimento artístico).

Exposição de pinturas de crianças, alunas do Professor Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1952. Apresentação de Mário Pedrosa.

IV Salão Municipal de Belas Artes. Rio de Janeiro: Salão Assírio do Theatro Municipal, junho de 1952.

Segunda exposição infantil de alunos de Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1953. Apresentação de Anibal Machado.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa. Collage and painting. Washington: Pan American Union, agosto-setembro de 1954.

Art of Brazilian children. Washington: Pan American Union, dezembro 1954 – janeiro 1955.

Grupo Frente. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1955.

IV Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

Grupo Frente. Rio de Janeiro: Itatiaia Country Club, março 1956.

V Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

Exposição Nacional de Arte Concreta. São Paulo: Museu de Arte Moderna, dezembro 1956.

5ª Exposição de Pintura de Crianças. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1956. Carlos Drummond de Andrade.

Exposição Nacional de Arte Concreta. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, janeiro 1957.

6ª Exposição de pinturas de crianças alunos de Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1957. Apresentação de Carlos Flexa Ribeiro.

VI Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957.

Exposição de pinturas de crianças. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1958. Apresentação de José Ribamar Ferreira Gullar.

Década de 1960

IX Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1960.

9ª Exposição de pinturas de crianças alunos de Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1960. Apresentação de Vera Pacheco Jordão.

X Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.

Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, agosto 1961.

instituto de arte contemporânea

11ª Exposição de pinturas de crianças alunos de Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1961. Apresentação de Mário Barata.

XXXI Biennale Venezia. Brasile. Veneza: Bienal de Veneza, 1962. Texto de José Roberto Teixeira Leite (Apresentação da representação brasileira na Bienal).

XI Salão Nacional de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

12ª Exposição de pinturas de crianças alunos de Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1962. Apresentação de José Roberto Teixeira Leite.

Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Galeria Tenreiro, 15 de agosto a setembro de 1963.Texto de Jayme Maurício.

14ª Exposição de pinturas de crianças alunos de Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1965. Apresentação de Fernando Goldfaber.

As cores da infância. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1965. Apresentação de Harry LAUS.

Ivan Serpa. **Exposição Comemorativa do IV Centenário.** Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 25 de março a 25 de abril de 1965. Texto de Clarival do Prado Valladares (Fantasmas de Ivan Serpa).

Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1965. Texto de José Roberto Teixeira Leite.

Ivan Serpa. Belo Horizonte: Museu de Arte, junho 1965. Texto de Clarival do Prado Valladares (Fantasmas de Ivan Serpa).

Exposição Resumo JB 1963-1964. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, abril 1965.

Exposição de desenhos e guaches de Ivan Serpa (1963-5). São Paulo: Universidade de São Paulo: Museu de Arte Contemporânea, 25 de novembro a 11 de dezembro 1965. Em colaboração com o Museu de arte de São Paulo. Texto de Walter Zanini.

Ivan Serpa: exposição. Rio de Janeiro: Galeria Relevo, dezembro 1965. texto de Clarival do Prado Valladares (Ivan Serpa em dezembro de 1965).

II Exposição Circulante de Obras do Acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Meio século de arte nova. São Paulo: MAC/USP, 1966. Texto de Walter Zanini (Meio século de arte nova).

instituto de arte contemporânea

IV Resumo de Arte Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 23 de junho a 10 de julho de 1966. Apresentação de Harry Laus.

Coletiva Brasileira. Pintura – desenho – gravura – escultura. Rio de Janeiro, Galeria IBEU, agosto de 1966. Apresentação de Marc Berkowitz.

Nova Objetividade Brasileira. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 6 a 30 de abril de 1967. Apresentação de Mário barata. Textos de Waldemar Cordeiro e Hélio Oiticica (Esquema geral da Nova Objetividade).

24º Salão Paranaense de Belas Artes. Curitiba, Departamento de Cultura/Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná, 1 a 19 de dezembro de 1967. Apresentação de Ennio Marques Ferreira.

4ª Exposição Coletiva de Pintura. Petrópolis, Museu Imperial, 9 a 17 de fevereiro de 1968. Apresentação de Walmir Ayala. Capa com obra de Ivan Serpa.

5ª Exposição Coletiva de Pintura. Nova Friburgo, Centro de Arte, 20 a 29 de maio de 1968. Apresentação de J. G. de Araújo Jorge.

Obras Adquiridas ou doadas de 35 artistas nacionais. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea/USP, maio-junho de 1968.

6ª Exposição Coletiva de Pintura. Campos, Átrio do DCT, 1 a 6 de setembro de 1968. Apresentação de Walmir Ayala.

Ivan Serpa. Pinturas. Rio de Janeiro: Galeria Bonino, 10 a 28 de setembro 1968. Textos de Hélio Pellegrino (O Brasil permanente) e Walmir Ayala (Os desenhos de Serpa).

7ª Exposição Coletiva de Pintura. Rio de Janeiro, Banco Predial, 16 a 23 de dezembro de 1968. Apresentação de Fernando Foch.

8ª Exposição Coletiva de Pintura. Teresina, Banco do Estado do Piauí, 12 a 24 de setembro de 1969.

VII Resumo de Arte Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1969. Apresentação de Walmir Ayala.

Década de 1970

Arte Moderna nos salões oficiais. Rio de Janeiro, Museu Nacional de belas Artes, junho de 1971. Texto de Antônio bento (Prêmios de viagem no Salão Moderno).

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa. Desenhos. Retrospectiva comemorativa dos 25 anos de carreira do artista. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, agosto – outubro 1971. Texto de Aracy Amaral (Ivan Serpa: da mancha ao anóbio ou da origem da forma ao movimento).

Exposição Coletiva (Ivan Serpa, Sérgio de Paula, Cláudio Tozzi, Serpa de Andrade, Dorée Camargo Corrêa, Manfredo Souza Neto, Tomoshige Kusuno, Paulo Roberto Leal). São Paulo: Galeria Alberto Bonfiglioli, 16 de março a 16 de maio de 1972.

50 anos de arte brasileira. Coleção de Gilberto Chateaubriand. Rio de Janeiro: galeria IBEU, maio de 1972. Apresentação de Gilberto Chateaubriand.

Expositores. São Paulo: galeria de Arte Alberto Bonfiglioli, março-abril de 1972. Apresentação de Harry Laus. Texto sobre Ivan Serpa de Aracy Amaral.

10º Resumo de Arte Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 1 de junho a 1 de julho de 1972. Apresentação de Walmir Ayala.

Exposição Coletiva de Pinturas. Niterói, Sociedade Fluminense de Fotografia, 19 de novembro a 21 de dezembro de 1972. Apresentação de Walmir Ayala.

21 anos de Salão Nacional. Rio de Janeiro, Galeria IBEU, setembro de 1973. Texto de Antônio Bento (Premiados do Salão Nacional na IBEU).

Retrospectiva Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 25 de abril a 25 de maio de 1974. Texto de Roberto Pontual.

A criança como tema. Mostra comemorativa do Ano Internacional da Criança. Rio de Janeiro, Galeria IBEU, setembro-outubro de 1979. Apresentação de Cezar Antonio Elias.

Ivan Serpa. Exposição de guaches, aquarelas, desenhos, litografias, gravuras em metal e serigrafias. Brasília: Galeria Oscar Seraphico, 16 de abril a 6 de maio de 1975. Textos de Hugo Auler e Jayme Maurício.

Décadas de 1980 a 2000

Arte Moderna no Salão Nacional. 1940-1982. 6º Salão Nacional de Artes Plásticas – Sala Especial. Rio de Janeiro, FUNARTE, Galeria Sérgio Milliet, Galeria Rodrigo Mello Franco de Andrade, Espaço Alternativo, 2 de dezembro de 1983 a 6 de janeiro de 1984. Texto de Mário Barata (Arte Moderna e prêmios de viagem nos salões nacionais de 1940 a 1982)

instituto de arte contemporânea

Nova figuração: Rio - Buenos Aires. Rio de Janeiro: Galeria Instituto Cultural Brasil-Argentina, 1984.

Grupo Frente/1954-1956. Rio de Janeiro, Galeria de Arte Banerj, novembro 1984. (Ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro, 2). Texto de Frederico Morais (Grupo Frente – a primeira turma).

I Exposição Nacional de Arte Abstrata – Hotel Quitandinha/1953. Rio de Janeiro, Galeria de Arte Banerj, novembro 1984. (Ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro, 3). Texto de Edmundo Jorge (I Exposição Nacional de Arte Abstrata).

Axl Leskoschek e seus alunos. Brasil/1940-1948. Rio de Janeiro, Galeria BANERJ, Março de 1985. (Ciclo de Exposições sobre Arte no Rio de Janeiro, 4) Texto de Frederico Morais (Axl Leskoschek: o auge no Brasil).

Opinião 65. Rio de Janeiro, Galeria de Arte Banerj, 1985. (Ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro). Texto de Frederico Morais (Opinião 65: ontem, hoje).

Expressionismo no Brasil. Heranças e afinidades. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1985.

Ivan Serpa. Guaches. Rio de Janeiro: Galeria Maurício Leite Barbosa, 11 a 30 de dezembro de 1986. Texto de Jayme Maurício.

Abstração geométrica 1: Concretismo e Neoconcretismo. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1987. (Projeto Arte Brasileira)

Serpa em 3 coleções. Rio de Janeiro: Galeria Klee, março de 1987.

Nova figuração Rio/Buenos Aires. Rio de Janeiro, Galeria do Instituto Cultural Brasil-Argentina, 16 de novembro a 16 de dezembro de 1987. Organização do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Apresentação de Paulo Herkenhoff.

Modernidade: Arte brasileira no século XX. Paris: Museu de Arte Mdoerna da Cidade de Paris; São Paulo: MASP, 1987-1988. Texto de Roberto Pontual.

Retrospectiva Ivan Serpa. Rio de Janeiro: Galeria Tríade, 18 de agosto a 18 de setembro de 1988.

Pequenas grandezas dos anos 50. Rio de Janeiro: Cleide Wanderley Gabinete de Arte, 31 de maio a 17 de junho de 1989. Texto de Lygia Canongia.

Pintura abstrata: efeito Bienal 1954-1963. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1989.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Fontes de Pesquisa

Bienal de São Paulo. Catálogos gerais da I, II, III, IV, VI, VII, VIII, XV, XVIII, XX Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo, Museu de Arte Moderna, 1951, 1953, 1955, 1957, 1961, 1963, 1965, 1979, 1985, 1989.

Mário Pedrosa, Arte, revolução, reflexão. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 5 de novembro a 29 de dezembro de 1991.

Ivan Serpa. Retrospectiva (1947-1973). Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1993. Texto de Reynaldo Roels Jr. (Ivan Serpa: etapas de um projeto).

Emblemas do corpo. O nu na arte moderna brasileira. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, 7 de outubro a 19 de dezembro de 1993. Curadoria de Franklin Pedroso. Texto de Paulo Sérgio Duarte (Emblemas do corpo).

Grupo Frente. Exposição retrospectiva histórica e comemorativa dos 40 anos do Grupo Frente. Rio de Janeiro: galeria IBEU, outubro-novembro de 1994. Texto de Esther Emilio Carlos (Os 40 anos do Grupo Frente).

Grito. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, 26 de novembro de 1996 a 20 de janeiro de 1997. Texto de José Thomaz Brum (O grito plástico) e apresentação de Sheila Cabo Geraldo.

Arte Construtiva no Brasil. Coleção Adolpho Leirner. São Paulo: Museu de Arte Mdoerna, 2 de outubro a 20 de dezembro de 1998.

Aquarela brasileira. Rio de Janeiro: Centro Cultural Light, 21 de maio a 15 de julho de 2001.

Trajetória da luz na arte brasileira. São Paulo, Itaú Cultural, 13 de maio a 9 de setembro de 2001.

Geometric Abstraction. Latin American Art from the Patricia Pelphs de Cisneros Collection. Cambridge: Harward University Art Museums, 2001.

Mostra Rio Arte Contemporânea 1. Violência e Paixão.. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 16 de abril a 9 de junho de 2002. Texto de Ligia Canongia (Um viés romântico-expressionista na arte contemporânea brasileira).

Paralelos. Arte Brasileira da segunda metade do século XX em contexto. Coleção Cisneros. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 18 de julho a 22 de setembro de 2002.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Fontes de Pesquisa

Livros de Ivan Serpa (ordem cronológica)

Mário PEDROSA e Ivan SERPA, **Crescimento e criação.** Rio de Janeiro, 1954.

Ivan Serpa. Barcelona: Enric Torno, 1958.

Projetos gráficos e ilustrações de Ivan Serpa (ordem cronológica)

Ilustrações para o conto de Selma Lagerlof, O Hóspede da Noite de Natal, e para as reportagens de Zora Selgan, Natal na Tchecoslováqui, e de Maura Sena Pereira, Natal. **Esfera**, nº 19. Rio de Janeiro, dezembro de 1948.

Ilustrações para Três Poemas de Orlandino Seitas, para a reportagem de Ema Altberg, Ano Chopin, e capa (Cabeça construída). **Esfera**, nº 20. Rio de Janeiro, janeiro - março de 1949.

Capa do livro de F. dos Santos Trigueiros, **Museus: sua importância na educação do povo.** Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editora, 1956.

Capa do livro de Arthur Cezar Ferreira Reis, **A Amazônia que os portugueses revelaram.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, 1957.

Capa do livro de Luís da Câmara Cascudo, **Jangada.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, 1957.

Capa do livro de Hermes Lima, **Idéias e figuras.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, 1957.

Capa da **Enciclopédia brasileira.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1957.

Capa do livro de Sylvio de Oliveira, **Eterno mundo.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

Capa do livro de Eduardo Portella, **Dimensões, I.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

Capa do livro de Jaime CORTESÃO, **Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, 1958.

Capa do livro de Vasco MARIZ, **A canção brasileira.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Serviço de Documentação, 1959.

Capa do **Boletim Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro,** nº 17. Rio de Janeiro: MAM, Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

Projeto gráfico e ilustrações para o livro de João Cabral de Melo Neto, **Quaderna.** Lisboa: Editora Livros de Portugal, 1960.

instituto de arte contemporânea

Capa do livro de E. W. Seelinger, **George Sand.** Rio de Janeiro: Gráfica Tupy Editora, 1962.

Capa de **Cadernos Brasileiros,** nº 28. Rio de Janeiro, março-abril de 1965.

Ilustra poesia Recuo de Wania Filizola, na revista **Leitura**. Ano XXIII, nº 90-91. Rio de Janeiro, janeiro-fevereiro de 1965.

Obra incluída como ilustração no livro de John Hadfield (org.), **A Chamber of horrors**. London: Studio Buena Vista, 1965.

Cria o catálogo da exposição de fotografias e obra gráfica de Goldfaber no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, agosto de 1966.

Capa da Revista **GAM,** nº 6. Rio de Janeiro, maio de 1967.

Capa da **Revista de Cultura Vozes.** Ano 64, Vol. LXIV, nº 9. Petrópolis, novembro de 1970.

Capa e ilustrações para o livro de Raul Pompéia, **O Ateneu.** 2.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1971.

Referências bibliográficas gerais (ordem alfabética por autor/título)

Aracy AMARAL (org.). **Projeto construtivo brasileiro na arte (1950-1962).** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

Pietro Maria BARDI. **Profile of the New Brazilian Art.** Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: Kosmos, 1970.

Ronaldo BRITO. **Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro.** Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1985. 2ª edição: São Paulo: Cosac & Naify, 1999.

Gilbert CHASE. **Contemporary art in Latin America.** New York: The Free Press, 1970.

Fernando COCCHIARALE e Anna Bella GEIGER. **Abstracionismo geométrico e informal: a vanguarda brasileira dos anos cinqüenta.** Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1987.

Gaston DIEHL. **La peinture moderne dans le monde.** Paris: Flammarion, s/d.

Bernard DORIVAL (dir.) **Histoire de l'Art 4: Du Réalisme à nos jours.** Encyclopédie de la Pléiade. Paris: NRF, 1969.

instituto de arte contemporânea

_____. (org.) **Les peintres célebres.** Vol. III. Paris: Lucien Mazenod, 1964. (Texto sobre Brasil de Gaston Diehl)

Paulo Sérgio DUARTE. **Anos 60. Transformações da arte no Brasil.** Rio de Janeiro: Campo Geral,

Hélio Márcio Dias FERREIRA. **Ivan Serpa: o "Espressionista concreto".** Niterói: EDUFF, 1996.

José Ribamar Ferreira GULLAR (org.). **Arte brasileira hoje.** Rio de Janeiro: paz e Terra, 1973.

_____. **Etapas da arte contemporânea: do cubismo ao neoconcretismo.** São Paulo: Nobel, 1985.

René HUYGHE (ed.) **Larousse Encyclopedia of Modern Art.** London: Paul Hanlyn, s/d.

Hermann LEICHT. **História Universal da Arte.** 2.ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, s/d.

José Roberto Teixeira LEITE. **Dicionário crítico da pintura no Brasil.** Rio de Janeiro: Artline, 1988.

_____. Artes Plásticas. **Gente Nova, Nova Gente.** Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1967.

Charles MACCURDY (ed.). **Modern Art, a Pictorial Anthology**. New York: MacMillan Company, 1958.

Thomas M. MESSER. **The emergent decade. Latin American Painters and Painting in the 1960's.** New York: The Solomon R. Guggenheim Museum, 1965.

New Art Around the world. New York: Abrams, s/d.

Mário PEDROSA. **Mundo, homem, arte em crise.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

Los Pintores celebres contemporaneos. Barcelona: Ed. Gilli, 1963

Pintores Fluminenses. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

Roberto PONTUAL. **Arte brasileira contemporânea: coleção Gilberto Chateaubriand.** Rio de Janeiro: Edições Jornal do Brasil, 1976.

_____. **Dicionário das artes plásticas no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. **Entre dois séculos. Arte brasileira do século XX na Coleção Gilberto Chateaubriand.** Rio de Janeiro: Editora Jornal do Brasil, 1982.

instituto de arte contemporânea

Ivan Serpa - Fontes de Pesquisa

Quem é quem nas artes e nas letras do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, 1966.

Carlos Flexa RIBEIRO. Verbete Ivan Serpa. **Enciclopédia Delta Larousse.** Rio de Janeiro, 1964.

Walter ZANINI (org.) **História geral das artes no Brasil.** 2v.São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles, 1983.

instituto de arte contemporânea